

8. As Várias Formas de Super-Exploração Imperialista dos Países Semicoloniais e seu Desenvolvimento nas últimas Décadas (Parte 2)

Lidaremos agora com as várias formas de super-exploração imperialista dos países semicoloniais mais detalhadamente. Recordamos as quatro categorias que identificamos como as formas em que se realiza a apropriação do valor pelos monopólios imperialistas do mundo semicolonial:

- i) Lucros extras via exportação de capital como investimento produtivo
- ii) Lucros extras via exportação de capital como capital (empréstimos, reservas cambiais, especulação etc.)
- iii) Transferência de valor via câmbio desigual
- iv) Transferência de valor via migração, ou seja, a importação de mão-de-obra relativamente mais barata para as metrópoles imperialistas das semicolônias

i) Lucros extras via exportação de capital como investimento produtivo

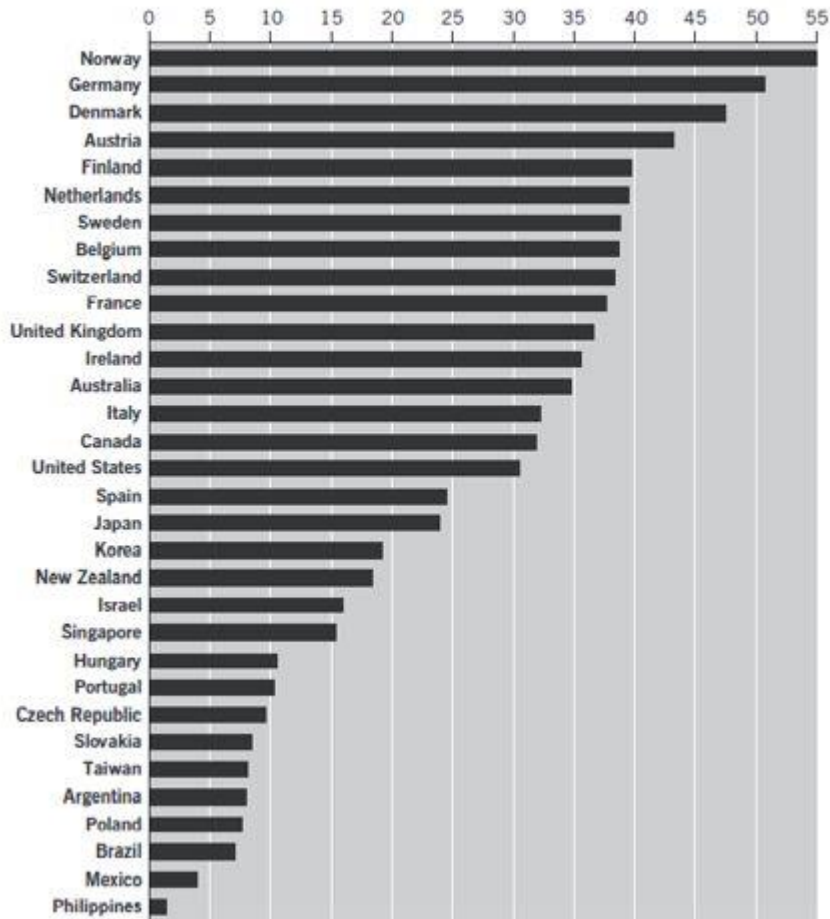
O capital monopolista na era da globalização depende cada vez mais de suas operações mundiais para aumentar o lucro. Um estudo publicado por uma fundação próxima a *Big Business* dá os seguintes números sobre o aumento dramático do lucro das multinacionais dos EUA originado por suas afiliadas estrangeiras: Enquanto as afiliadas estrangeiras representaram 17% em 1977 do lucro líquido mundial das multinacionais dos EUA., esse número subiu para 27% em 1994 e surpreendentes 48,6% em 2006 — ou seja, quase metade! O estudo comentou: *"De fato, as multinacionais dos EUA em muitas indústrias recentemente compensaram a desaceleração das vendas e lucros dos EUA com vendas e crescimento de lucros mais fortes fora da América — especialmente em países de rápido crescimento, como China e Índia."* ¹

Como já apontamos, os monopólios imperialistas podem esperar uma alta taxa de lucro nos países semicoloniais devido à menor composição orgânica do capital e às condições favoráveis para exploração. Como resultado, os monopólios podem obter um enorme lucro extra usando suas máquinas avançadas e patentes em combinação com o emprego de forças de trabalho baratas das semicolônias.

A figura 37 a seguir mostra as enormes diferenças entre os salários no Norte e no Sul.

Figura 37: Diferenças geográficas entre os Salários Por Hora na Manufatura, 2008 ²

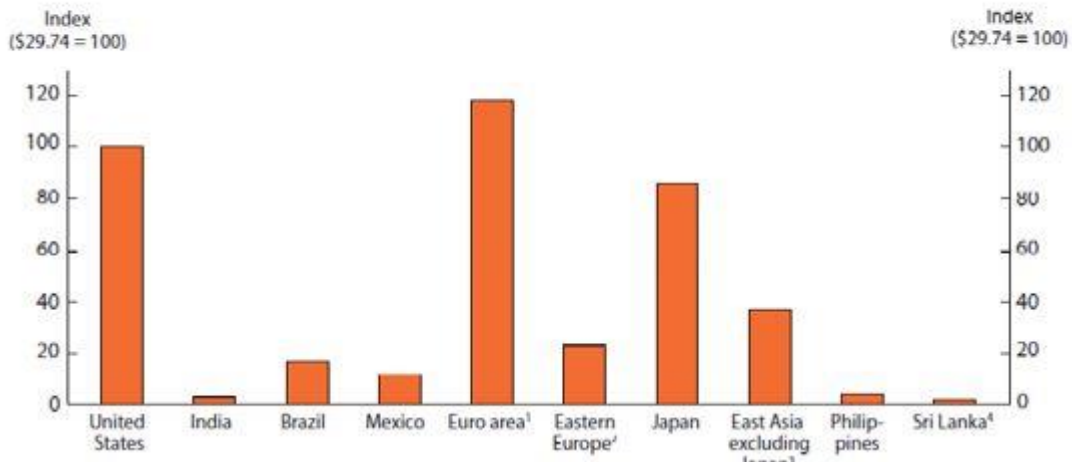
Figure 37: Geographical Differences between the Hourly Wages in Manufacturing, 2008 (in US-Dollars) ²⁶⁴



Na Figura 38 vemos os salários dos trabalhadores industriais em vários países imperialistas e semicoloniais em comparação com os salários médios dos trabalhadores industriais dos EUA. No ano de 2005, o salário médio dos trabalhadores na Índia era de cerca de 3,1% do nível dos EUA. Os trabalhadores nas Filipinas recebem cerca de 3,6% do nível dos EUA e os do Sri Lanka apenas 2,3%. Podemos ver também que os trabalhadores mexicanos recebem apenas cerca de 1/10 dos salários dos trabalhadores americanos. Da mesma forma, o nível dos salários dos trabalhadores do Leste Europeu é de apenas cerca de 18% dos seus colegas na Zona do Euro.

Figura 38: Custos médios de compensação por hora dos funcionários da manufatura, países e regiões selecionados, 2005 ³

Figure 38: Mean Total Hourly Compensation Costs of Manufacturing Employees, selected Countries and Regions, 2005 ²⁶⁷



Vamos dar um exemplo prático das enormes vantagens para os monopólios da exploração dos trabalhadores nos países semicoloniais. O economista socialista norte-americano Doug Henwood mostrou em um estudo que no México as manufaturas de propriedade dos EUA são 85% tão produtivas quanto as manufaturas nos EUA. Mas os capitalistas têm que pagar aos trabalhadores mexicanos apenas 6% dos salários de seus homólogos norte-americanos! 4

Na sequência, reproduzimos uma série de números sobre a época desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o que demonstra que, em todos os períodos, o capital monopolista poderia se apropriar de taxas de lucros mais altas nos países semicoloniais do que em seus países de origem imperialista. Eles também mostram que uma proporção significativa desses lucros não é reinvestidos ou mesmo consumido no país onde os lucros são criados (ou seja, as semicolônias), mas são grandemente repatriados para os países de origem das corporações multinacionais.

Uma equipe de economistas soviéticos publicou um estudo em 1970 que mostrou as importantes diferenças na taxa de lucro do investimento estrangeiro para os monopólios imperialistas. Eles apresentaram números para meados da década de 1960 que demonstraram que os monopólios dos EUA derivaram uma taxa de lucro de 8,7% do investimento estrangeiro em outros países imperialistas, mas obteve uma taxa de lucro de 18,1% nos países semicoloniais. Os monopólios britânicos receberam uma taxa de lucro de 8,3% em seu país, mas obteve uma taxa de lucro de 15% em sua ex-colônia, a Índia. Ao mesmo tempo, o capital indiano alcançou apenas uma taxa de lucro de 10% em casa. 5

O acadêmico sírio Bassam Tibi concluiu um estudo sobre as diferentes taxas de lucro das corporações americanas na mineração e na indústria petrolífera entre 1950 e 1970 nos países imperialistas e semicoloniais. Ele mostrou que as taxas de lucro foram consideravelmente maiores nos países semicoloniais. (Ver Tabela 35)

Tabela 35: Taxas de lucro do Investimento Direto de corporações norte-americanas em Países Imperialistas e Semicoloniais, 1951-1970 (em %) 6

Mining industry=Indústria de mineração / **Petroleum Industry**= Indústria de Petróleo

Semi-colonial countries= países semicoloniais / **Imperialist countries**=Países imperialistas

Table 35: Profit rates of Direct Investment of US corporations in Imperialist and Semi-Colonial Countries, 1951-1970 (in %) 270

	<i>Semi-Colonial Countries</i>	<i>Imperialist Countries</i>
Mining Industry		
1951-1960	13.5%	11.1%
1961-1970	18.9%	11.2%
Petroleum Industry		
1951-1960	29.3%	6.5%
1961-1970	26.9%	2.8%

Pierre Jalée relatou em seu livro sobre imperialismo sobre um estudo que mostra que as corporações petrolíferas tinham taxas de lucro no mundo semicolonial entre 61% e 114% enquanto eram apenas cerca de 7,2% na Europa Ocidental. 7

Outro número foi dado pelo economista brasileiro de esquerda Theotonio Dos Santos. Ele calculou que entre 1946 e 1968 os EUA exportaram para a América Latina 5,5 bilhões de dólares americanos, enquanto ao mesmo tempo 15 bilhões foram transferidos da América Latina para os EUA como dividendos, juros feitos por esses investimentos. 8

Em um estudo mais geral, economistas da Alemanha Oriental e da União Soviética calcularam as diferentes taxas de lucro para os monopólios dos EUA na década de 1970 no mundo semicolonial e imperialista. Segundo eles, as taxas de lucro dos monopólios eram quase o dobro do investimento nos países semicoloniais do que nas metrópoles. (Ver Tabela 36)

Tabela 36: Lucros extras dos Monopólios dos EUA no Mundo Semicolonial: Relação entre Lucros Declarados e Valor Nominal dos Investimentos dos EUA no Exterior (em %) 9

Profit from investment in developed countries=Lucro de investimento em países desenvolvidos/
Developed capitalist countries= países capitalistas desenvolvidos

Profit from investment in developing capitalist countries=Lucro de investimento em países capitalistas em desenvolvimento /

Profit from investment in oil industry in developing capitalist countries=Lucro do investimento na indústria do petróleo em países capitalistas em desenvolvimento

Table 36: Extra profits of US Monopolies in the Semi-Colonial World: Relation between Declared Profits and Nominal Value of US Investments Abroad (in %) ²⁷¹

	1970	1975
Profit from investment in developed capitalist countries	8.8%	10.7%
Profit from investment in developing capitalist countries	15.3%	21.4%
Profit from investment in oil industry in developing capitalist countries	23.7%	35,0%

A UNCTAD informou em 2003 que a taxa de retorno do Investimento Estrangeiro Direto "foi consistentemente maior nos países em desenvolvimento (5,8%) do que em desenvolvido (4,4%) e países em Países da Comunidade Econômica Europeia-CEE (3,9%) desde o início da década de 1990." 10

O economista marxista Tony Norfield apresenta em um artigo interessante uma comparação internacional das taxas de retorno do investimento direto dos EUA no exterior para os anos de 2006-2009. (Ver Tabela 37) Seus cálculos provam nossa tese de que o capital monopolista obtém uma taxa de lucro maior explorando trabalhadores no Sul do que nos antigos países imperialistas. Norfield mostra que "em 2009, a taxa média global de retorno calculada foi de 9,7%. Mas foi de apenas 3 a 5% na Alemanha, França e Reino Unido, e perto de 20% ou mais no Chile, Venezuela, Nigéria, Indonésia, Malásia e Tailândia. A taxa média de lucro obtido nos países ricos é muito menor do que a obtida nos pobres, com base na taxa de exploração muito maior do trabalho nos países pobres." 11

Tabela 37: Taxas de retorno sobre o investimento direto dos EUA no exterior, 2006-2009 (em%) 12

Table 37: Rates of Return on US Direct Investment Overseas, 2006-2009 (in %) ²⁷³

	2006	2007	2008	2009
Average for all countries	12.9%	12.8%	12.3%	9.7%
Europe	11.8%	11.4%	10.9%	9.1%
France	9.4%	8.0%	6.7%	2.9%
Germany	8.3%	9.6%	8.0%	5.2%
United Kingdom	7.1%	5.1%	6.2%	4.9%
Latin America	13.4%	14.9%	13.7%	11.0%
Brazil	16.3%	18.5%	20.5%	14.6%
Chile	13.4%	35.3%	28.3%	30.0%
Venezuela	28.0%	9.0%	20.0%	19.2%
Africa	28.3%	22.1%	19.5%	12.4%
Egypt	19.7%	22.9%	22.9%	16.5%
Nigeria	114.7%	74.9%	59.8%	23.4%
Tunisia	10.0%	21.5%	23.6%	7.0%
Middle East	26.7%	29.2%	30.0%	14.8%
Saudi Arabia	39.9%	50.5%	44.1%	18.3%
United Arab Emirates	16.1%	14.7%	13.0%	10.0%
Asia and Pacific	15.4%	15.7%	13.7%	10.4%
Australia	9.2%	10.3%	9.4%	5.2%
China	22.5%	20.6%	15.8%	13.1%
India	20.1%	18.6%	11.1%	11.2%
Indonesia	34.3%	26.8%	22.2%	20.8%
Japan	9.2%	9.3%	8.2%	8.7%
Korea, Republic of	13.4%	12.8%	14.5%	13.3%
Malaysia	24.9%	27.0%	31.5%	22.3%
Thailand	19.1%	19.2%	20.6%	19.0%

Fonte: US Bureau of Economic Affairs e cálculos dos autores.

Notas: * A taxa de retorno é medida de forma padrão, pelo rendimento naquele ano dividido pela média do índice de investimentos daquele ano e do ano anterior (base histórica de custos).

** Os dados são baseados em um total de mais de 200 países. Os totais regionais incluem todos os países da região, com alguns países listados abaixo.

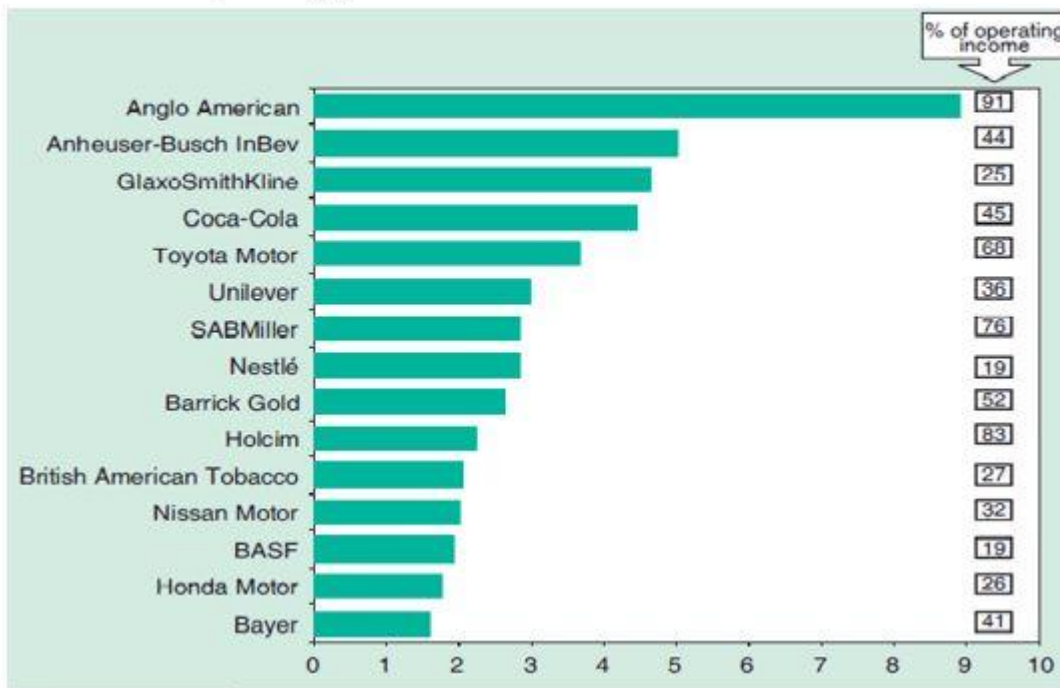
Neste contexto, vale ressaltar que os lucros extras e os ganhos repatriados dos monopólios imperialistas não se originam apenas diretamente de suas exportações de capital. Grande parte de seu investimento é financiada por retornos não distribuídos ou por créditos locais que recebem com condições favoráveis. Theotonio Dos Santos calculou que o investimento líquido norte-americano na América Latina para os anos de 1957-64 atingiu 1,5 bilhão de dólares, enquanto na verdade apenas

180 milhões foram exportados dos EUA. O resto chegou de retornos não distribuídos, créditos locais etc. Ao mesmo tempo, 630 milhões de dólares foram transferidos da América Latina para os EUA. ¹³

Temos argumentado contra vários centristas que a super-exploração do mundo semicolonial desempenha um papel enorme para o setor mais poderoso da classe capitalista – os monopólios imperialistas. Dissemos que os lucros extras que derivam dos países semicoloniais representam uma proporção significativa de seus lucros totais. Em seu *Relatório Mundial de Investimento 2011*, a UNCTAD apresenta uma série de números que sublinham esse fato. Como se pode ver na Figura 39 entre 20% e 90% dos maiores monopólios os lucros – incluindo Anglo American, Toyota, BASF e Nestlé – derivam de seus investimentos nas semicolônias.

Figura 39: Lucros Operacionais derivados de Operações em Economias de Desenvolvimento e Transição, selecionados top 100 TNCs, 2010 (Bilhões de dólares e participação dos lucros operacionais totais) ¹⁴

Figure 39: Operating Profits derived from Operations in Developing and Transition Economies, selected top 100 TNCs, 2010 (Billions of dollars and share of total operating profits) ²⁷⁷



A exportação de capital dos monopólios imperialistas para os países semicoloniais é o investimento *estrangeiro*, investimento que não é feito pela classe capitalista doméstica, mas por outra classe capitalista estrangeira, com origens na parte imperialista dominante do mundo. É a base econômica

da opressão nacional ainda existente desses países, apesar de sua independência formal. Como resultado, os monopólios imperialistas repatriam uma proporção significativa dos lucros que eles fazem nos países semicoloniais de volta para a "empresa-materna".

No cálculo seguinte do desenvolvimento dos lucros, um grupo de economistas soviéticos comparou o crescimento do investimento estrangeiro e os lucros repatriados entre os países imperialistas e semicoloniais. Eles mostraram que os monopólios dos EUA foram capazes de repatriar os lucros dos países em desenvolvimento que eram de 4 a 6 vezes maiores do que o investimento estrangeiro adicional. Eles também mostram que a repatriação dos lucros do investimento estrangeiro nos países semicoloniais foi substancialmente maior do que o investimento estrangeiro em outros países imperialistas. (Ver Tabela 38)

Tabela 38: Lucros Repatriados Anualmente e Crescimento Anual do Investimento Estrangeiro pelos Monopólios dos EUA, 1950-1966 (em Milhões de Dólares) ¹⁵

capital export in imperialist countries=exportação de capital em países imperialistas

annually repatriated profits=lucros repatriados anualmente

annually growth of foreign investment=crescimento anual do investimento estrangeiro

Table 38: Annually Repatriated Profits and Annual Growth of Foreign Investment by US Monopolies, 1950-1966 (in Million US-Dollars) ²⁷⁶

	1950	1960-66
<i>Capital export in imperialist countries</i>		
Annually repatriated profits	438	1263
Annual growth of foreign investment	467	1804
	-29	-541
<i>Capital export in semi-colonial countries</i>		
Annually repatriated profits	845	1986
Annual growth of foreign investment	129	450
	+716	+1536

Uma pesquisa da ECLA em 1970 mostra que as subsidiárias locais de empresas estadunidenses na América Latina no setor manufatureiro repatriaram 57% de seus lucros para a matriz e esse número subiu para 79% para todos os setores entre 1957 e 1965. ¹⁶

Essa dinâmica de exploração dos países semicoloniais através da repatriação de lucros continuou nas últimas décadas. Entre 1980 e 1992, corporações multinacionais realizaram uma repatriação líquida de lucros no valor de US\$ 122 bilhões. ¹⁷ De acordo com estatísticas oficiais, as CTNs receberam através de investimento estrangeiro direto na América Latina uma taxa de retorno entre 22 e 34% na década de 1990. Com base nisso, multinacionais dos EUA repatriaram lucros de US\$ 157 bilhões da América Latina para o Norte.

No entanto, é importante ter em mente que são todos números oficiais. Enfatizamos este ponto porque uma quantidade significativa dos lucros das corporações multinacionais é declarada como lucros domésticos. Isso é fácil para os monopólios organizarem, uma vez que controlam 2/3 do comércio mundial e 1/3 do comércio mundial é o comércio realizado entre as empresas do mesmo grupo, ou seja, o comércio de commodities dentro da mesma corporação multinacional. ¹⁸ Através de manipulações de preços e outros mecanismos, os capitalistas monopolistas podem facilmente distorcer a contabilidade oficial. O escritor anti-imperialista James Petras observou em seu livro *Globalização Desmascarado*: "a taxa real de retorno e lucro é muito maior, porque muito disso não é relatado ou disfarçado através de preços de transferência, mas também porque não inclui lucros reinvestidos e é calculado após dedução de impostos, passivos mantidos por corporações-mãe, taxas de seguro e licença e pagamentos de royalties para o mesmo, e 'ajustes' relacionados à valorização cambial." ¹⁹

Os lucros repatriados continuaram a crescer nos últimos anos. Éric Toussaint, um conhecido ativista e pesquisador socialista e anti-imperialista belga, relatou em 2007: "A fuga de capital e a fuga de cérebros dos países em desenvolvimento para os países mais industrializados cresceram nos últimos anos. A quantidade de lucros repatriados para a 'empresa matriz' se multiplicou por um fator de 4,5 entre 2000 e 2006 (de 28 bilhões em 2000 para 125 bilhões em 2006)" ²⁰

Mesmo uma das principais instituições imperialistas – o Banco Mundial – tem que relatar as enormes dimensões da repatriação dos monopólios imperialistas, embora tente minimizar esse fator. No entanto, eles têm que admitir que os monopólios imperialistas poderiam aumentar seus lucros – em relação à produção econômica das semicolônias – multiplicado por quatro de 1990 a 2006. E também relatam que os monopólios imperialistas repatriam entre 2/3 e 4/5 de seus lucros para sua empresa-matriz:

"A renda obtida pelas multinacionais no IED aumentou em conjunto com o aumento dos fluxos. O valor dos investimentos das multinacionais nos países em desenvolvimento atingiu cerca de US\$ 2,4 trilhões em 2006. O lucro obtido com essa ação passou de US\$ 74 bilhões em 2002 para US\$ 210 bilhões em 2006. A renda do IED aumentou de menos de 0,5% do PIB nos países em desenvolvimento no início da década de 1990 para quase 2% em 2006.

Nem toda essa renda representa uma saída do saldo de pagamentos dos países em desenvolvimento. A parcela dos ganhos do IED que é repatriado a cada ano tem sido relativamente estável nos últimos 10 anos, com uma média de 62%, abaixo dos mais de 80% no início da década de 1990. Os lucros repatriados aumentaram de US\$ 28 bilhões em 2000 para US\$ 125 bilhões em 2006, mas não representam um fardo significativo para o saldo de

pagamentos. Os lucros repatriados representaram cerca de 2% das receitas de exportação dos países em desenvolvimento desde 2000." 21

Isso mostra que, entre as últimas décadas, as remessas de lucros sobre investimento estrangeiro direto cresceram muito mais rápido do que a produção nacional nos países semicoloniais. Isso também se torna evidente a partir de outras estatísticas do Banco Mundial. De acordo com a publicação anual do Banco Mundial *Global Development Finance*, o Produto Interno Bruto dos "Países em Desenvolvimento" cresceu entre 1970 e 1980 de US\$ 1,124 bilhão para US\$ 2,901 bilhões, ou seja, em +258%. Ao mesmo tempo, as remessas de lucro no IED cresceram de US\$ 6,5 bilhões para US\$ 23,8 bilhões, ou seja, em +366%. (22) No entanto, essa discrepância acelerou ainda mais nas décadas seguintes. Entre 1990 e 2010, a Receita Nacional Bruta dos "Países em Desenvolvimento" cresceu de US\$ 3,578 bilhões para US\$ 19,437 bilhões, ou seja, em +543%. Ao mesmo tempo, as remessas de lucro no IED cresceram de US\$ 16 bilhões para US\$ 343 bilhões, ou seja, +2144%. 23

O Banco Mundial descreveu em um relatório em 2009 o caráter volátil da dinâmica de repatriação de lucros:

"Durante os três primeiros trimestres de 2008, corporações multinacionais repatriaram ações crescentes de renda de alguns grandes países, deixando menos para reinvestimento. A repatriação como percentual da renda aumentou para até 70% durante o segundo e terceiro trimestre do ano, em comparação com uma média de 50% nos trimestres anteriores. No entanto, devido ao aumento significativo da receita do IED em 2008, o valor dos lucros reinvestidos nas mesmas economias ainda aumentou em US \$ 5 bilhões (para US \$ 47 bilhões) durante os três primeiros trimestres do ano em comparação com o mesmo período do ano anterior.

Vários fatores (como pagamento estável de dividendos, taxas de impostos e outras regulamentações) afetam as decisões corporativas para reinvestir ou repatriar os ganhos patrimoniais. Durante as crises anteriores centradas nas economias anfitriãs, as empresas multinacionais repatriaram lucros acima da renda corrente ou pediram empréstimos empresas do mesmo grupo para reduzir sua exposição a um país rapidamente sem vender ativos. Após a crise asiática, por exemplo, multinacionais dos EUA repatriaram toda a sua renda do IED da região. Nos últimos 10 anos, em contrapartida, as multinacionais reinvestiram de 30 a 40% de sua renda de operações estrangeiras de volta ao país anfitrião. Os lucros reinvestidos e os empréstimos entre as próprias empresas representaram 20% e 15% dos fluxos de IED para os países em desenvolvimento, respectivamente" 24

Mesmo a parcela de lucros que não é repatriada não é totalmente utilizada para o re-investimento. A UNCTAD informa em seu Relatório Mundial de Investimentos 2011: *"No entanto, nem todos os ganhos reinvestidos são realmente reinvestidos em capacidade produtiva. Eles podem ser deixados de lado para aguardar melhores oportunidades de investimento no futuro, ou para financiar outras atividades, incluindo aquelas que são especulativas. Cerca de 40% da renda do IED foi mantida como lucro reinvestido." 25*

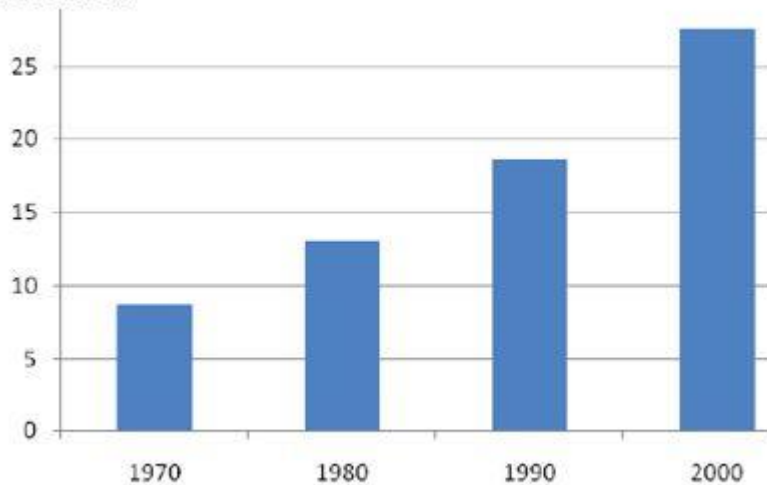
Subestimação do valor excedente e extra-lucros extraídos do Sul

Uma proporção significativa do valor excedente e extra-lucros extraídos do Sul não aparece nas estatísticas oficiais como originada no Sul, mas sim no Norte. Este é particularmente o caso das corporações multinacionais. De acordo com um recente documento de trabalho da OCDE, os economistas chegaram à ampla estimativa de que um terço do comércio mundial é entre-empresas, ou seja, ocorre entre a matriz e as suas afiliadas de uma e das mesmas corporações multinacionais. ²⁶ No entanto, Peter Dicken, autor de um importante estudo sobre globalização, acredita que esse número é u subestimado. Ele se refere ao cálculo de que "90% das exportações e importações dos EUA fluem através de uma TNC dos EUA, com cerca de 50% dos fluxos comerciais dos EUA ocorrendo entre afiliados da mesma TNC". ²⁷

Houve também um aumento maciço das cadeias produtivas internacionais pelo surgimento das corporações multinacionais. Isso pode ser visto com a crescente participação dos insumos importados na produção manufatureira. Enquanto essa participação era de cerca de 8% em 1970, subiu para 12% (1980), 18% (1990) e 27% no ano 2000. (Ver Figura 40) ²⁸

Figura 40: Compartilhamento de Insumos Importados na Produção de Manufatura, 1970-2000 ²⁹

Figure 40: Share of Imported Inputs in Manufacturing Production, 1970-2000 ²⁹¹



Houve alguns estudos que mostraram que, nos números oficiais das corporações de monopólio transnacional, os custos de produção de uma determinada mercadoria (incluindo os salários) no Sul representam apenas uma parcela relativamente pequena dos custos totais. Uma proporção muito maior aparece como custos gerados no Norte, embora esses custos representem mão-de-obra improdutiva (varejo, publicidade etc.). Com isso, esses custos que aparecem como gerados no Norte são, na realidade, financiados pelo valor excedente gerado no Sul. Isso é ainda mais verdadeiro para

os enormes lucros que aparecem novamente como gerados no Norte, mas são baseados no valor excedente gerado no Sul. (Ver Figura 41)

John Smith escreveu sobre este comentário sobre um estudo sobre o iPod de 30Gb da Apple:

"Graças à pesquisa de Greg Linden, Jason Dedrick e Kenneth L. Kraemer, o Apple iPod pode servir como uma ilustração vívida desses diferenciais salariais internacionais e do argumento mais amplo desenvolvido neste artigo. Eles decompuseram os custos de produção do Apple iPod no "valor agregado" por gestores, designers e varejistas nos Estados Unidos e o "valor agregado" pelos trabalhadores empregados na produção externa de seus componentes e sua montagem no bem acabado. No momento da escrita, o Apple iPod de 30Gb era vendido a US\$ 299, enquanto o custo total de produção era de US\$ 144,40. Os outros US\$ 154,60, 52% do preço final de venda, representam o que os autores chamam de "lucros brutos", ou seja, receitas, a serem divididos entre varejistas, distribuidores e a própria Apple — tudo isso, deve ser observado, conta como "valor agregado" gerado dentro dos EUA e é contado para o PIB dos EUA, não há nenhum sinal de qualquer transferência de valor transfronteiriço que afete a distribuição de lucros para a Apple e seus diversos fornecedores. Na perspectiva da lei de valor de Marx, a maioria dessas atividades não são produtivas e suas receitas representam valor excedente extraído dos produtores reais dessas commodities (mais precisamente, são uma fração do valor excedente gerado em toda a economia global capturado pelos capitalistas envolvidos na produção e venda de iPods)." 30

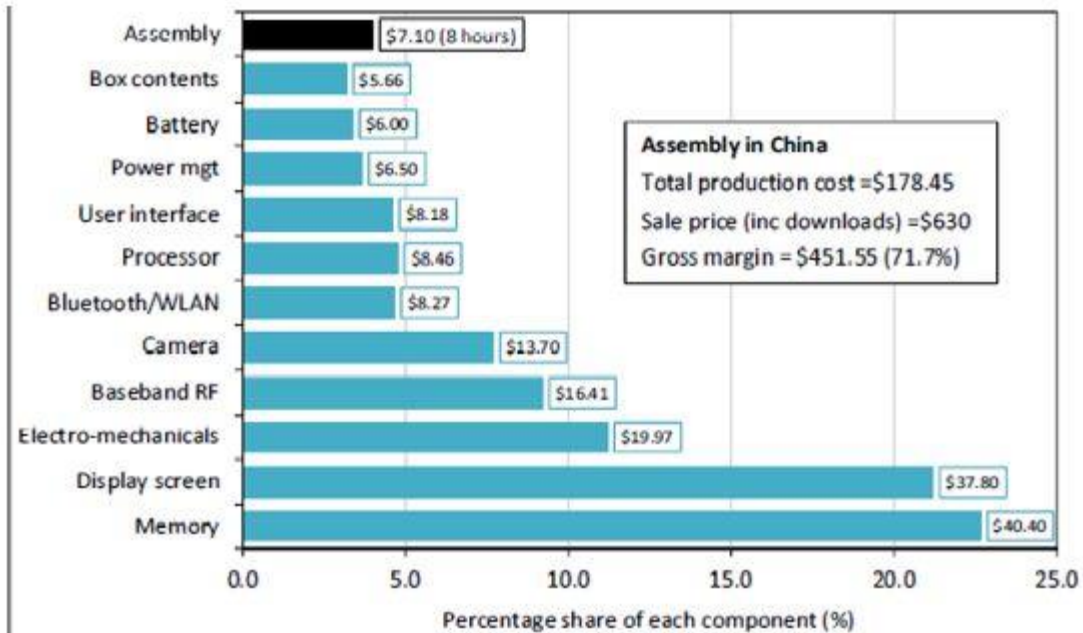
Um estudo publicado recentemente por vários acadêmicos liberais sobre o iPhone 3G da Apple que detalha os custos de produção e os lucros permite a mesma conclusão:

"Bastante previsível, quase não há aritmética política sobre os custos sociais da cadeia trans-Pacífico para a economia nacional dos EUA. A honrosa exceção é o artigo do Asian Development Bank Institute de Xing e Detert (2010) que apresenta cálculos de produtos únicos que mostram como o modelo de negócios da Apple aumenta o déficit comercial dos EUA e diminui o emprego nos EUA. O produto é o iPhone 3G que em 2009 vendeu 11,3 milhões de unidades no mercado americano e 25,7 milhões de unidades globalmente. Xing e Detert calculam que apenas um produto, o iPhone 3 contribuiu com US\$ 1,9 bilhão para o déficit comercial dos EUA com a China; no entanto, quando eles usam o valor de montagem adicionado como o numerador (excluindo componentes alemães, japoneses e norte-americanos importados para a RPC para montagem do iPhone), as magnitudes são menores. Sua descoberta mais interessante é que os trabalhadores chineses não adicionam mais de US\$ 6,5 a cada iPhone 3, o que não é mais do que 3,6% do preço de envio de um iPhone. A implicação é que a alta margem do iPhone poderia ser lucrativamente montada nos Estados Unidos ou em qualquer outro país com alto salário e "é o comportamento de maximização de lucros da Apple em vez da concorrência que pressiona a Apple a ter todos os iPhones montados na China" (Xing e Detert, 2010, p.6)" 31

Então temos a Apple cujos proprietários fazem uma enorme margem bruta de 72% em cada telefone, mas este lucro é principalmente contabilizado como gerado no Norte. 32

Figura 41: Participação nos custos de produção de um iPhone Apple 4G montado na China 33

Figure 41: Share of Production Costs of an Apple 4G iPhone assembled in China ²⁹⁶



Na Figura 42 podemos ver que a grande maioria dos trabalhadores que contribuem para a produção de commodities da Apple são trabalhadores estrangeiros, ou seja, a maioria trabalhadores em países "em desenvolvimento". O lucro, no entanto, é apropriado pelos monopólios e contabilizado como criado no Norte.

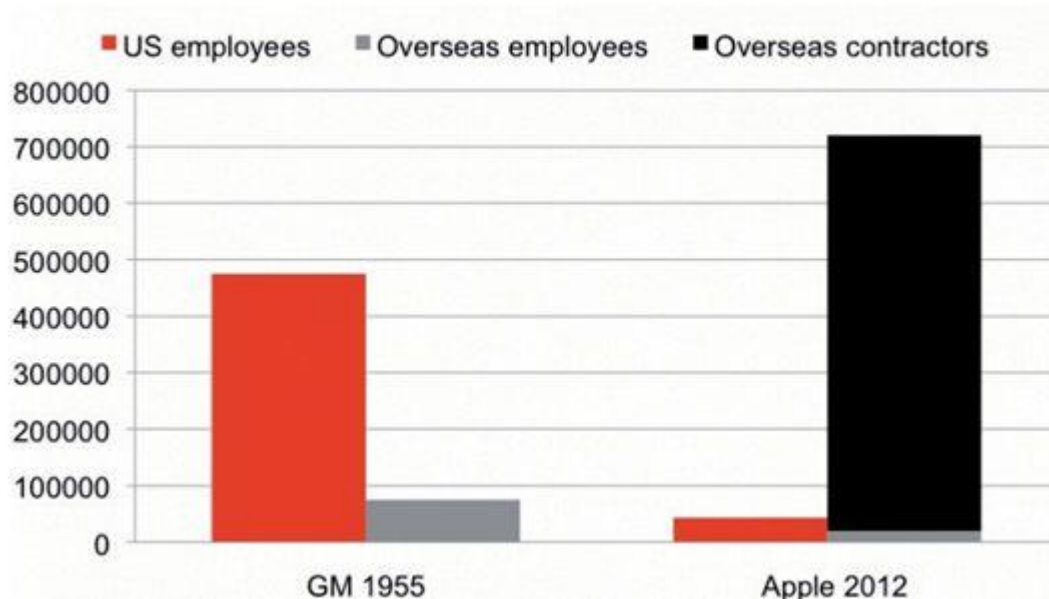
Figura 42: EUA e supervisionar funcionários resp. Empreiteiros em 1955 e em 2012 ³⁴

U.S.A and oversee employess resp. overseas contractors in 1955=Os empregados dos EUA e do exterior e respectivamente os contratados no exterior 1955 e 2012

U.S employess= empregados dos E.U.A

Overseas contractors= contratados no exterior

Figure 42: US and Overseas Employees resp. Contractors in 1955 and in 2012 ²⁹⁷



Os iPhones da Apple, claro, não são exceção. Herbert Jauch dá uma série de exemplos que sugerem um mecanismo semelhante de geração de lucros no Sul que aparece como lucros e custos no Norte:

"O preço de varejo do café é 7-10 vezes maior do que o preço de importação e cerca de 20 vezes o preço pago ao cafeicultor. Camisas de grife produzidas no Sudeste Asiático são vendidas na Europa por 5 a 10 vezes o preço de importação. Menos de 2% do valor total das camisas produzidas em Bangladesh são recebidos pelos produtores diretos como salários. O lucro das empresas locais equivale a cerca de 1% do valor total. Cerca de 70% do valor total no setor de vestuário consiste em lucros em primeiro lugar de distribuidores, atacadistas e varejistas; em segundo lugar os custos de transporte e armazenamento etc; e, em terceiro lugar, direitos aduaneiros e impostos indiretos impostos pelo país importador (industrializado)." ³⁵

ii) Lucros extras via exportação de capital como capital monetário (empréstimos, reservas cambiais, especulação, etc.)

Como mostramos em um dos capítulos anteriores, após o fim do longo boom no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, o capitalismo mundial entrou em um novo período de estagnação. Diante da queda das taxas de lucro, tornou-se cada vez mais difícil investir capital rentável na produção. O excesso de acumulação estrutural de capital tornou-se uma característica definidora do capitalismo desde então novamente. Isso levou a uma enorme massa de capital supérfluo. Portanto, os grandes bancos tinham um forte desejo de colocar seu capital próprio rentável em circulação. É por isso que

eles deram empréstimos maciços tão voluntariamente aos países semicoloniais desde o início da década de 1970. Internacionalmente, o volume total de empréstimos cresceu entre 1971 e 1979 de US\$ 10,2 bilhões para US\$ 123,4 bilhões, ou seja, cresceu cerca de 36% ao ano. 36

A tabela 39 a seguir demonstra o enorme aumento do peso do capital bancário em relação à produção mundial, ao comércio e ao investimento no período entre 1964 e 1991. De acordo com esses números, os empréstimos bancários líquidos aumentaram nesse período – em comparação com o PIB mundial – de 0,7% para 16,3%. Em relação ao investimento doméstico fixo do mundo, cresceu de 6,2% para 131,4%, ou seja, os empréstimos bancários aumentaram mais de 20 vezes mais do que o investimento produtivo!

Tabela 39: Capital Bancário Internacional em relação à Produção Mundial, Comércio e Investimento, 1964-1991 (em %) 37

as share of world output=como participação na produção mundial

net international bank loans=empréstimos bancários internacionais líquidos

gross size of internacional banking market=tamanho bruto do mercado bancário internacional

as share of world trade= como parte do comércio mundial

as share of world Gross Fixed Domestic Investment=como parcela do Investimento Interno Fixo Bruto mundial

	1964	1972	1980	1985	1991
As share of World Output					
Net international bank loans	0.7%	3.7%	8.0%	13.2%	16.3%
Gross size of international banking market	1.2%	6.3%	16.2%	27.8%	37.0%
As share of World Trade					
Net international bank loans	7.5%	31.5%	42.6%	80.4%	104.6%
Gross size of international banking market	12.4%	53.7%	86.3%	169.7%	215.6%
As share of World Gross Fixed Domestic Investment					
Net international bank loans	6.2%	25.6%	51.1%	103.7%	131.4%
Gross size of international banking market	10.3%	43.7%	103.6%	219.2%	270.9%

Como resultado, os lucros extras para os bancos e instituições financeiras aumentaram drasticamente desde a década de 1970. Eles conseguiram fazer um grande retorno de seus empréstimos para os estados do Sul. Os estados latino-americanos, por exemplo, pagaram US\$ 40 bilhões por ano em serviço de dívida na década de 1980. [38](#)

Vários economistas já apontaram que os países semicoloniais já pagaram suas dívidas várias vezes. Mas o regime imperialista, o poder dos bancos de elevar as taxas de juros etc. tudo levou à situação de que, apesar de terem pago seus empréstimos várias vezes, as semicolônias ainda estão mais endividadas do que eram na década de 1970. Os economistas progressistas Paulo Nakatani e Rémy Herera relatam que as chamadas economias de mercado em desenvolvimento e emergentes juntas já pagaram aos seus mestres imperialistas um acumulado de US\$ 7,673 trilhões em serviços de dívida externa. Mas ao elevar as taxas de juros etc. a dívida do Terceiro Mundo não diminuiu, mas aumentou de US \$ 618 bilhões em 1980 para US \$ 3,150 trilhões em 2006. Como resultado, os países

semicoloniais têm que pagar uma proporção crescente da produção nacional anual como serviço de dívida às instituições financeiras imperialistas: "O serviço total da dívida externa desses países cresceu de 2,8% do PIB em 1980 para 4,0% em 1989 e 6,9% em 1999, antes de diminuir lentamente para 5,2% em 2006, pouco acima da média de 5,1% para o período." ³⁹

De acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), que diferencia os países semicoloniais em diferentes categorias de renda, os chamados "países de baixa renda" têm que pagar 6,5% de sua renda de exportação para o serviço da dívida, os "países de renda média baixa" 19% e os "países de renda média alta" até 35%. ⁴⁰ (Ver também Figura 43)

Figura 43: Relação Serviço de Dívida Externa-Exportação, 2005-2010 ⁴¹

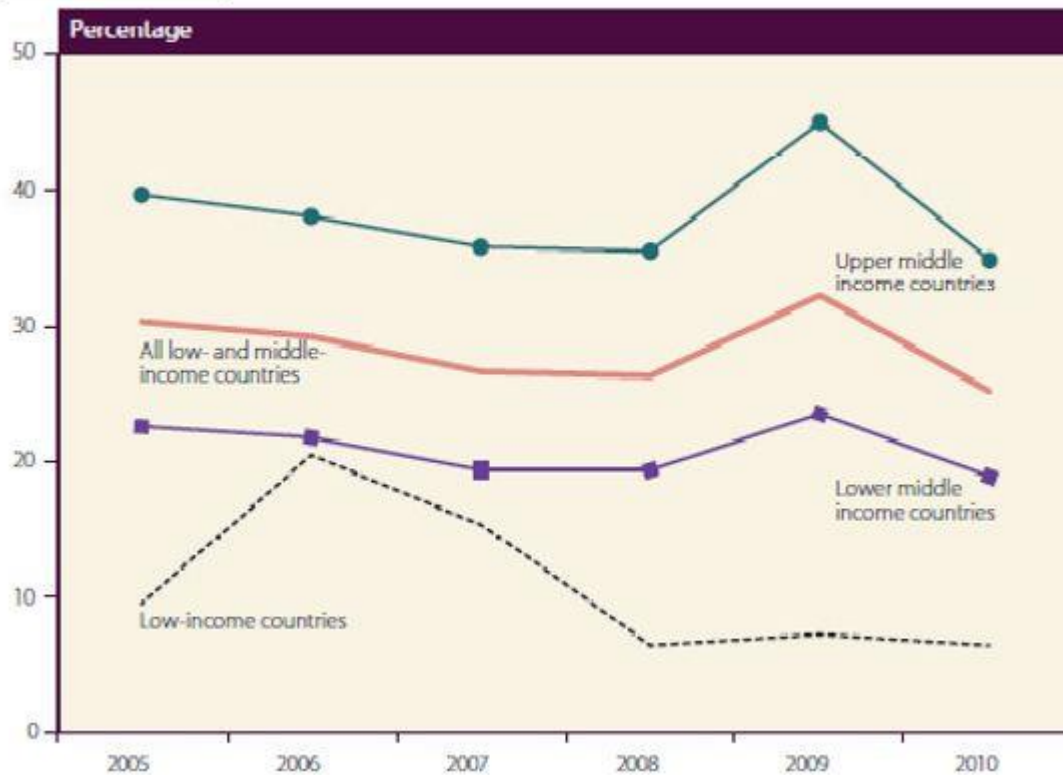
All low and middle income countries=Todos os países de renda baixa e média

Upper middle income countries=países de renda média alta

Lower middle income countries=países de renda média baixa

Low income countries=países de baixa renda

Figure 43: External Debt Service-to-Export Ratio, 2005-2010 ³⁰¹



A super-exploração imperialista do mundo semicolonial torna-se novamente óbvia no fato de que os bancos exigem desses países taxas de juros que são várias vezes mais altas do que os empréstimos para países imperialistas. Nesse contexto é preciso ter em mente que os empréstimos, que os institutos financeiros imperialistas deram às semicolônias na década de 1970, tinham taxas de juros variáveis. Isso significa que, embora tivessem taxas de juros muito baixas quando as semicolônias conseguiram os empréstimos na década de 1970, isso mudou rapidamente e tiveram que pagar taxas de juros enormes alguns anos depois. 42

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento-PNUD relatou essas grandes diferenças entre as taxas no Norte na década de 1980 e as aplicadas a empréstimos no Sul. "*Durante a década de 1980, enquanto as taxas de juros eram de 4% nos países altamente industrializados, a taxa de juros efetiva paga pelos países em desenvolvimento era de 17 %. Sobre a dívida total no valor de mais de 1.000 bilhões de dólares, isso significou um prêmio especial de juros de 120 bilhões de dólares anualmente. Isso apenas agravou uma situação em que as transferências líquidas para pagar a dívida totalizaram 50 bilhões de dólares em 1989.*" 43

As tabelas 40 a seguir mostram a enorme diferença entre as taxas de juros nos países imperialistas e nos países semicoloniais.

Tabela 40: Taxas de Juros Reais de Longo Prazo nos Países Imperialistas e Semicoloniais (em %) 44

long-term real interest rates in imperialist and semi-colonial countries=taxas de juros reais de longo prazo nos países imperialistas e semicoloniais

Long-term real interest rates in six industrial countries, 1890-1989=taxas de juros reais de longo prazo em seis países industrializados, 1890-1989

Real interest rates on foreign debt paid by selected major debtors, 1982-85= Taxas de juros reais sobre a dívida externa paga pelos principais devedores selecionados, 1982-1985

Table 40: Long-Term Real Interest Rates in Imperialist and Semi-Colonial Countries (in %) ³⁰⁷

Long-term real interest rates in six industrial countries, 1890-1989							
<i>Country</i>	<i>1890-99</i>	<i>1900-13</i>	<i>1955-59</i>	<i>1960-73</i>	<i>1974-79</i>	<i>1980-84</i>	<i>1985-89</i>
France	3.6	2.0	0.3	1.4	-0.9	3.1	5.1
Germany	-	-	3.9	2.7	2.8	4.8	4.0
Italy	-	-	4.0	1.5	-3.7	1.9	3.6
Japan	-	-	-	0.5	-0.2	5.7	3.9
United Kingdom	2.6	2.0	1.3	2.5	-2.1	2.7	4.1
USA	4.5	1.7	0.8	1.5	0.3	5.4	5.4

Real interest rates on foreign debt paid by selected major debtors, 1982-85					
<i>Country</i>	<i>1982</i>	<i>1983</i>	<i>1984</i>	<i>1985</i>	<i>Average 1982-85</i>
Argentina	26.3	23.8	11.3	11.6	18.3
Brazil	22.2	19.6	12.6	12.0	16.6
Chile	33.8	8.9	21.6	8.4	18.2
Mexico	27.4	16.9	9.9	15.0	17.3
Nigeria	25.9	25.4	11.5	18.2	20.3
Korea, Rep. of	14.0	12.5	5.8	7.1	9.9
Average	24.9	17.8	12.1	12.3	16.8

Como resultado, o serviço da dívida tornou-se uma das formas mais importantes de super-exploração imperialista. Para dar uma visão geral desse desenvolvimento citamos os economistas progressistas Éric Toussaint e Denise Comanne: "[T]ele a dívida externa total dos países em desenvolvimento cresceu de US \$ 567 bilhões em 1980; US\$ 1086 bilhões em 1986; e US\$ 1419 bilhões em 1992. Assim, a dívida total subiu 250% em doze anos. No mesmo período, o pagamento de juros foi de US\$ 771 bilhões, e o principal reembolso de US\$ 891 bilhões. Os pagamentos totais de países do Terceiro Mundo ao longo desses doze anos somaram -1662 bilhões: três vezes o que possuíam em 1980. Depois de pagar o que eles deviam três vezes mais, ao custo de sofrimento incalculável, longe de estar menos endividado, eles devem muito mais do que em 1980: 250% a mais." 45

A Comissão das Nações Unidas para os Direitos Humanos informou que "entre 1984 e 1990, por exemplo, as políticas draconianas de cobrança de dívidas produziram uma transferência líquida impressionante de recursos financeiros - US\$ 155 bilhões - do Sul para o Norte".46

Desde então, a super-exploração do mundo semicolonial através de roubos financeiros continuou. Em 2002, ou seja, 22 anos depois, os países em desenvolvimento pagaram aos seus credores pouco mais de US\$ 4.600 bilhões. Se alguém adicionar a Coreia do Sul, esse número cresce para US\$ 4.900 bilhões. Em outras palavras, entre 1980 e 2002, os países semicoloniais pagaram oito vezes o que deviam em 1980! Ao mesmo tempo, em 2002, seu montante de dívidas ainda existentes aumentou para US \$ 2.400 bilhões, mais de quatro vezes o montante de 1980! 47

Esse aumento da dívida ocorreu em diferentes regiões da seguinte forma, como mostra a Tabela 41:

Tabela 41: Aumento de Dívidas nas Regiões, 1980-2002 (em bilhões de dólares) 48

Southeast Asia and the Pacific=Sudeste Asiático e Pacífico

South Asia=Sul da Ásia

Middle East and North Africa=Oriente Médio e Norte da África

Sub-Saharan Africa=África Subsaariana

Latin America and the Caribbean=América Latina e Caribe

Former Soviet Bloc=Antigo Bloco Soviético

Debt stock in 1980=estoque da dívida em 1980

Debt stock in 2002=estoque da dívida em 2002

Table 41: Increase of Debts in Regions, 1980-2002 (in billion US-Dollars) ³¹⁵

	<i>Debt stock in 1980</i>	<i>Debt stock in 2002</i>
Southeast Asia and the Pacific	64.6	509.5
South Asia	37.8	166.8
Middle East and North Africa	102.5	317.3
Sub-Saharan Africa	60.8	204.4
Latin America and the Caribbean	257.4	789.4
Former Soviet Bloc	56.5	396.8

O índice da dívida externa dos Países em Desenvolvimento subiu para US\$ 4,076 bilhões em 2010. 49 Em 2005, o Sul pagou US\$ 482 bilhões em dívidas apenas aos monopólios imperialistas. 50 Em 2008, teve que pagar um serviço total de dívida externa de US \$ 539 bilhões e em 2009 novamente US \$ 536 bilhões. 51

Um exemplo particularmente repugnante da tirania da dívida imperialista é a África. O economista africano progressista Demba Moussa Dembélé apontou que o serviço de dívida da África é ainda maior do que a ajuda externa e este auxílio é parcialmente usado para pagar as dívidas:

"Essas coisas – o custo de cumprir as condições impostas por doadores e credores e subsídios aos produtos nacionais pelos países da OCDE – ajudam a explicar, entre outras coisas, o agravamento da crise da dívida, que por sua vez significou maior dependência da ajuda externa. Nas décadas de 1980 e 1990, o serviço médio da dívida era aproximadamente igual ou até maior do que a ajuda externa aos países africanos. Parte desse auxílio foi até usada para pagar dívidas antigas, incluindo dívidas multilaterais. Tudo isso reforçou a dependência de fontes externas, especialmente o Banco Mundial, o FMI e o Banco Africano de Desenvolvimento." 52

A UNCTAD também aponta para o fato absurdo de que a África já pagou mais do que recebeu em empréstimos, mas ainda está endividada com quase US\$ 300 bilhões: *"Um olhar superficial sobre o perfil da dívida da África mostra que o continente recebeu cerca de US\$ 540 bilhões em empréstimos e pagou cerca de US\$ 550 bilhões em principal e juros entre 1970 e 2002. No entanto, a África permaneceu com um índice da dívida de US \$ 295 bilhões. Por sua vez, a SSA recebeu US\$ 294 bilhões em desembolsos e pagou US\$ 268 bilhões em serviço de dívida, mas permanece com um índice da dívida de cerca de US\$ 210 bilhões."* 53

Se alguém toma a Nigéria como exemplo, pode-se ver a situação absurda em que este país está. Tomou US\$ 13,5 bilhões em empréstimos de credores do Paris Club entre 1965 e 2003. Já pagou cerca de US\$ 42 bilhões por causa de multas e juros acumulados. No entanto, a Nigéria ainda tinha US\$ 25 bilhões para pagar em 2003. 54

Terminamos este capítulo com uma analogia histórica que Éric Toussaint fez para entender melhor a dimensão da armadilha da dívida imperialista. Ele comparou essa transferência massiva de valor através da armadilha da dívida com a iniciativa do EUA-imperialista após a Segunda Guerra Mundial para reconstruir a Europa Ocidental e chegou à conclusão: *"Entre 1980 e 2002, as populações dos países da Periferia enviaram o equivalente a cinquenta Planos Marshall aos credores do Norte (com os capitalistas e os governos da Periferia desviando suas comissões no caminho)."* 55

Perdas da Bolsa de Valores

Outra forma pela qual os monopólios imperialistas ganham lucros é seu domínio no mercado cambial. O imperialismo dos EUA em primeiro lugar e o imperialismo europeu em segundo lugar dominam o mercado mundial de moedas. Assim, se olharmos para as moedas em que os países em desenvolvimento são públicos e publicamente garantidos, a vantagem para os monopólios imperialistas torna-se óbvia. Até 2010, 69,4% da dívida pública das semicolônias é mantida em dólares Americanos, 12,7% em Euro, 10,4% em Iene japonês, 0,5% em Libra Esterlina e 0,4% em Franco Suíço. 56 Portanto, os países semicoloniais não dependem apenas das mudanças cambiais, mas também são forçados a comprar dólares americanos ou euros para pagar suas dívidas. Isso significa uma perda adicional para essas economias.

De acordo com economistas da Alemanha Oriental, os países semicoloniais tiveram que pagar entre US\$ 30 e US\$ 40 bilhões por ano no início da década de 1980 para comprar moedas imperialistas (principalmente dólares americanos) para construir suas reservas monetárias. 57

O Banco Mundial mostrou em um relatório publicado recentemente a enorme vantagem que as potências imperialistas ganham com seu status dominante nas moedas mundiais. De acordo com este estudo, os EUA obtiveram renda de sua posição cambial em média de US \$ 48 bilhões por ano entre 1990 e 2010 (em 2010 essa soma foi mesmo US \$ 93 bilhões). O imperialismo europeu ganhou com seu status de moeda euro em média US \$ 13 bilhões por ano entre 2000 e 2009. 58

A vantagem para os monopólios imperialistas e estados não precisa de mais explicações. Também é evidente que os interesses políticos e geoestratégicos (e, portanto, também militares) dos Estados imperialistas andam lado a lado com suas considerações econômicas. Até um escritor liberal tem que admitir essa conexão:

"Há dez anos, a Comissão Internacional Independente de Governança Global reconheceu a necessidade urgente de reforma monetária internacional em uma economia mundial globalizada. Desde então, tem havido crescentes críticas à atual "hegemonia do dólar" dos Estados Unidos. Pelo privilégio de usar o dólar como a principal moeda global, estima-se que o resto do mundo pague aos EUA pelo menos US\$ 400 bilhões por ano. Um analista do Pentágono justificou isso como pagamento aos EUA por manter a ordem mundial; outros o veem como uma forma de o país mais rico do mundo obrigar os mais pobres a pagar pelo seu consumo insustentável de recursos globais. Para construir suas reservas, os países pobres têm que emprestar dólares dos EUA a taxas de juros de até 18% e depois emprestar o dinheiro de volta para os EUA sob a forma de Títulos do Tesouro a 3%. O dólar é um instrumento monetário global que os EUA, e apenas os EUA, podem produzir; o comércio mundial é agora .um jogo no qual os EUA produzem dólares e o resto do mundo produz coisas que os dólares podem comprar." 59

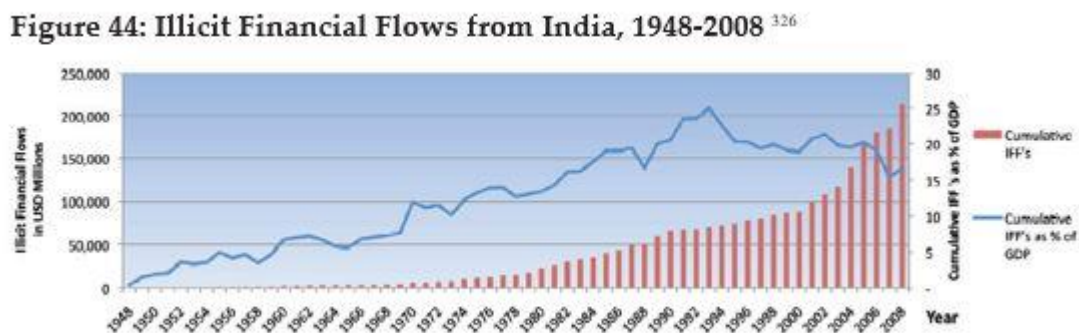
Evasão de capitais

Vamos agora passar para uma forma especial que os imperialistas usam para lucrar com sua dominação mundial: fuga de capital e outras formas de transferências ilegais de dinheiro do Sul para o Norte. Naturalmente, aqueles que enviam o dinheiro ilegalmente do Sul para o Norte – tanto os monopólios imperialistas quanto os capitalistas semicoloniais – são os beneficiários imediatos. No entanto, os perdedores óbvios desse processo são os países semicoloniais que perdem valor excedente que poderia ter sido investido ou usado via impostos para investimento público. Por outro lado, os bancos e outras instituições financeiras dos países imperialistas lucram massivamente com a fuga de capitais. É por isso que eles acolhem e encorajam tal fuga de capital. Isso cria a situação distorcida de que os países semicoloniais não podem pagar suas dívidas com o banco imperialista por falta de dinheiro, enquanto os capitalistas transferem ilegalmente seu dinheiro dos países semicoloniais para o mesmo banco imperialista. Como resultado, os bancos lucram duas vezes: por um lado, recebem o

capital monetário transferido ilegalmente e, por outro lado, podem impor sanções aos mesmos países por não pagarem suas dívidas a tempo.

A fuga de capitais do Sul para o Norte não é um fenômeno novo, mas é característica do imperialismo. Um estudo recente calculou o tamanho das saídas financeiras ilícitas da Índia desde 1948. Apesar de não incluir contrabando, certas formas incorreção comercial e lacunas nas estatísticas disponíveis em seus cálculos, chegou à conclusão de que "*é inteiramente razoável estimar que mais de meio trilhão de dólares foram drenados da Índia desde a independência*". ⁶⁰ (Ver Figura 44)

Figura 44 : Fluxos Financeiros Ilícitos da Índia, 1948-2008 ⁶¹



Nas décadas de 1970 e 1980, a evasão de capitais aumentou substancialmente. De acordo com o banco americano Morgan Guarantee Trust Bank, a evasão de capital dos países latino-americanos para as metrópoles imperialistas foi de cerca de US\$ 120 a 130 bilhões entre 1976 e 1985. Isso equivalia a cerca de 1/3 da dívida externa total do continente.

Outra fonte mostra números de fuga de capitais para outros países semicoloniais no período entre 1976 e 1982. Nestes anos, US\$ 5,1 bilhões foram transferidos secretamente para fora da Indonésia (o equivalente a 34% da dívida externa do país), quase US\$ 4 bilhões do Egito (mais de 44% de sua dívida externa), US\$ 2,7 bilhões da Nigéria (mais de 43% de sua dívida externa), US\$ 2,1 bilhões da Índia (1/3 de sua dívida externa) e US\$ 1,9 bilhão da Síria (96% de sua dívida externa). ⁶² Para todo o Terceiro Mundo, o Morgan Guarantee Trust Bank dá a cifra de cerca de US\$ 200 bilhões para o mesmo período, o equivalente a cerca de 50% da dívida externa total do Terceiro Mundo. ⁶³ Para o ano de 1988, o FMI estimou que nos 13 países mais endividados a fuga de capital era de cerca de US \$ 180 bilhões. ⁶⁴

A enorme quantidade de evasão de capital também se torna visível a partir da seguinte tabela 42. Mostra quanto dinheiro os capitalistas dos países semicoloniais depositaram nas metrópoles imperialistas. Fica claro que, enquanto o Terceiro Mundo tinha dívidas de cerca de US \$ 1,921 bilhão, os capitalistas do Sul tinham US \$ 966 bilhões em depósitos no Norte, ou seja, metade da dívida total.

Sabe-se que uma parte dos empréstimos imperialistas foram diretamente transferidos para fora do país. Desta forma grotesca, os bancos imperialistas lucram de duas maneiras ao mesmo tempo. Eles ganham juros como serviço de dívida para os empréstimos e o ganho de capital de dinheiro fresco do Sul que eles podem então re-emprestar para um lucro maior.

Tabela 42: Dívida Bruta, Depósitos e Dívida Líquida, 1995 (em bilhões de dólares) 65

Gross debt; deposits; net debt, 1995 (in billion-U.S Dollars) = Dívida bruta; depósitos; dívida líquida ;, 1995 (em bilhões de dólares americanos)

Table 42: Gross Debt, Deposits and Net Debt, 1995 (in billion US-Dollars) 325

	<i>Gross Debt</i>	<i>Deposits</i>	<i>Net Debt</i>	<i>Net/Gross (%)</i>
North Africa / Middle East	364	254	110	30.2%
Sub-Saharan Africa	198	47	151	76.3%
Latin America / Caribbean	529	366	163	30.8%
Asia / Oceania	830	299	531	64%
Total	1.921	966	955	49.7%

Segundo Éric Toussaint, só em 2000, os novos depósitos de capitalistas da periferia mundial nos bancos do Centro capitalista chegaram a 145 bilhões de dólares. 66

Recentemente, vários estudos foram publicados sobre o tamanho da fuga de capital e transferência ilegal de dinheiro do Sul para o Norte. Um desses estudos tratou de saídas ilícitas dos Países Menos Desenvolvidos-PMD. Ele relata:

"Os resultados indicativos do estudo constataam que os fluxos financeiros ilícitos dos países menos desenvolvidos-PMD aumentaram de US\$ 9,7 bilhões em 1990 para US\$ 26,3 bilhões em 2008, implicando uma taxa de aumento corrigida pela inflação de 6,2% ao ano. Estimativas conservadoras (inferiores) indicam que os fluxos ilícitos aumentaram de US\$ 7,9 bilhões em 1990 para US\$ 20,2 bilhões em 2008. Os dez maiores exportadores de capital ilícito representam 63% das saídas totais dos países menos desenvolvidos, enquanto os 20 principais representam quase 83%. A fixação errônea dos preços do comércio representa o volume (65-70 por cento) das saídas ilícitas dos PMDs, e a propensão à fixação errônea dos preços aumentou junto com o aumento do comércio externo. Pesquisas empíricas sobre fluxos ilícitos indicam que existem três tipos de fatores que conduzem a fluxos ilícitos — os macroeconômicos, os estruturais e os relacionados à governança." 67

O estudo calcula que a razão de saídas ilícitas para o Produto Interno Bruto (PIB) dos Países Menos Desenvolvidos é em média de cerca de 4,8% ao ano.

Outro relatório sobre todos os chamados Países em Desenvolvimento calcula que, no final dos anos 2000, os fluxos ilícitos desses países estavam acima de US\$ 1 trilhão anualmente! ⁶⁸ Em suas próprias palavras, os autores consideram isso uma subestimação: "*Continuamos a considerar essas estimativas como muito conservadoras, uma vez que não incluem contrabando, a fixação errônea dos preços dos serviços transfronteiriços ou a fixação errônea dos preços do comércio de mercadorias que ocorre dentro da mesma fatura trocada entre exportadores e importadores*"

Detalhando a fuga de capitais, os autores relatam: "*A Ásia foi responsável por 44,9% do total de fluxos ilícitos do mundo em desenvolvimento, seguido pela região da MENA (18,6%) Muitos dos dez países com maiores transferências de capital ilícito estão localizados na região MENA, enquanto a participação dominante da Ásia é impulsionada principalmente pela China e Malásia. A sigla MENA em inglês significa o conjunto das regiões que abrangem o Oriente Médio e Norte da África*

As saídas ilícitas acumuladas (normalizadas ou conservadoras) dos dez maiores países durante 2000-2009 em ordem de magnitude em declínio são China (US\$ 2,5 trilhões), México (US\$ 453 bilhões), Rússia (US\$ 427 bilhões), Arábia Saudita (US\$ 366 bilhões), Malásia (US\$ 338 bilhões), Kuwait (US\$ 269 bilhões), Emirados Árabes Unidos (US\$ 262 bilhões), Catar (US\$ 170 bilhões em nove anos, como os dados de 2000 não estão disponíveis), Venezuela (US\$ 171 bilhões) e Polônia (US\$ 160 bilhões). Em média, esses dez países são responsáveis por 70% das saídas ilícitas de todos os países em desenvolvimento no período 2000-2009." ⁶⁹

A fuga de capitais também desempenha um papel considerável na África. Um estudo que analisou o período de 39 anos de 1970 a 2008 chegou à conclusão: "*Utilizando modelos econômicos aceitos, ou seja, o Método Residual do Banco Mundial e a Direção de Estatísticas Comerciais do FMI, estimamos que esses fluxos totalizaram US\$ 854 bilhões ao longo do período examinado. Essa estimativa é considerada conservadora, uma vez que trata apenas de uma forma fixação errônea dos preços do comércio, não inclui desvalorização dos preços dos serviços, e não abrange o produto do contrabando. Ajustando a estimativa de US\$ 854 bilhões para levar em conta alguns dos componentes dos fluxos ilícitos não cobertos, não é razoável estimar fluxos ilícitos totais do continente ao longo dos 39 anos em cerca de US \$ 1,8 trilhão."* ⁷⁰

Outro relatório sobre a África estima a fuga de capital da África Subsaariana em meados da década de 1990 em cerca de US\$ 274 bilhões (incluindo os ganhos com juros), o que equivalia a 145% da dívida total devido por esses países. Concluiu: "*De fato, estimativas recentes mostram que a África é um credor líquido para o resto do mundo, com cerca de 30% do PIB da África subsaariana sendo transferido para fora do país."* ⁷¹

Vamos terminar este sub-capítulo chamando a atenção de nossos leitores para a enorme fuga de capital e transferências financeiras ilegais dos capitalistas super-ricos. Esses criminosos, no sentido literal, transferem seu dinheiro das autoridades estatais para paraísos fiscais que fazem perder receitas fiscais no valor de US\$ 250 a US\$ 300 bilhões por ano. Quase um terço da riqueza dos super-ricos é administrada em centros financeiros de paraísos fiscais (offshores). Um estudo recente relata:

"De acordo com o professor Michael R. Krätke, estima-se que cerca de 30% dos ativos das pessoas mais ricas do mundo sejam gerenciados em centros financeiros offshore. Mais de um quinto (23%) de todos os depósitos bancários do mundo estão escondidos em paraísos fiscais, pelo menos US\$ 3.000 bilhões com base cautelosa no

acerto de contas. Quase 50% das transações financeiras transfronteiriças do mundo passam por elas. R. Krätke, concordando com a análise prudente da Rede de Justiça Fiscal, afirma que o capital escondido em paraísos fiscais significa receitas fiscais perdidas que chegam de US\$ 250 a US\$ 300 bilhões por ano. Essa é uma parte substancial do dinheiro necessário para relançar a economia, aumentar o poder de compra dos mais pobres e, em geral, melhorar a situação de cerca de 2,7 bilhões de pessoas em todo o mundo vivendo com menos de dois dólares por dia." 72

A Rede de Justiça Fiscal estima que cerca de US\$ 11,5 trilhões foram desviados para o exterior dos países apenas por indivíduos ricos! 73 Não é preciso explicar por que nós, bolcheviques-comunistas, consideramos o slogan "expropriar os super-ricos!" como altamente importante e oportuno.

iii) Transferência de valor do Sul semicolonial para o norte imperialista: uma troca desigual

A exportação direta de capital do Norte para o Sul é apenas em parte a fonte extra de lucros imperialistas. Outra forma importante de super-exploração é a troca desigual. Como explicamos acima, o intercâmbio desigual ocorre no mercado mundial onde as mercadorias são trocadas representando diferentes tempos de trabalho socialmente necessários. Commodities que incorporam mão-de-obra menos intensa são trocadas contra commodities que incorporam mão-de-obra mais intensa.

Para entender a dimensão completa da troca desigual temos que reconhecer o papel crescente do comércio mundial. Como mostram as figuras 45, 46, 47 e 48, as exportações mundiais e as importações aumentaram de cerca de 10% da produção mundial em 1965 para mais de 25% em 2007. Eles também mostram o papel crescente dos chamados países em desenvolvimento durante este período, cujas importações e exportações aumentaram de menos de 3% para 9-10% da produção mundial. No entanto, os números também possibilitam a divisão do período desde a Segunda Guerra Mundial: enquanto a participação dos "países em desenvolvimento" no comércio mundial diminuiu entre 1948 e o início de 1970, ela subiu desde então. Isso é verdade em particular para a Ásia semicolonial, enquanto na América Latina e África essa mudança ocorreu mais tarde na década de 1980 e foi menos dramática. Não é por acaso que o crescente papel das semicolônias começou na década de 1970, quando o capitalismo mundial entrou em uma fase de estagnação de suas forças produtivas.

Figura 45: Importações mundiais como parte do pib mundial, 1965-2007 74

Figure 45: World Imports as Share of World GDP, 1965-2007 ³³⁶

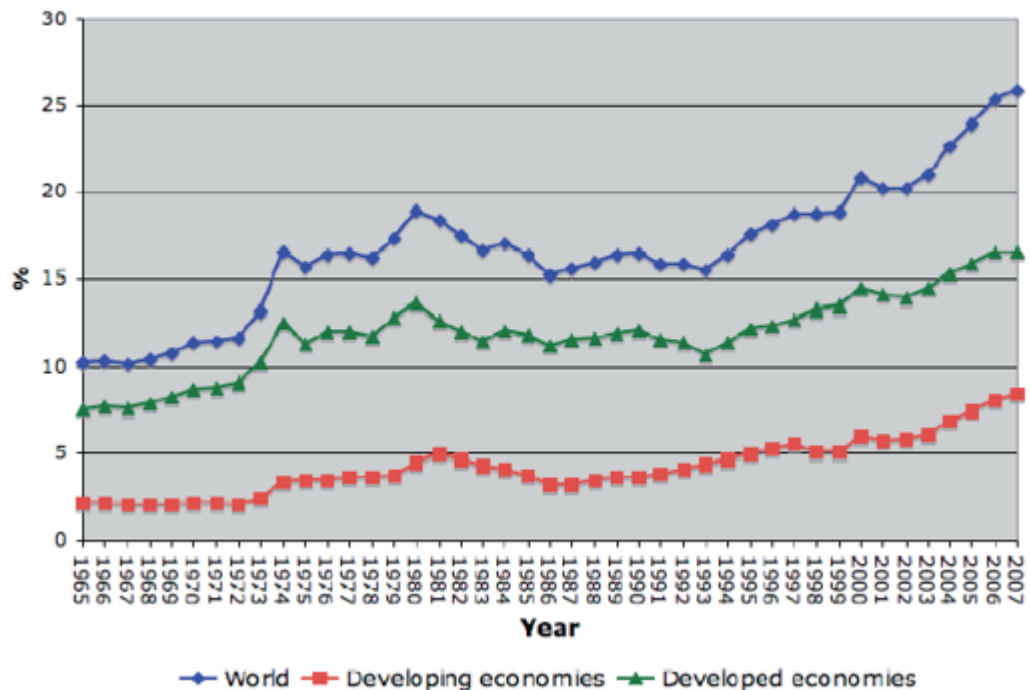


Figura 46: Exportações Mundiais como Parte do PIB Mundial, 1965-2007 ⁷⁵

Figure 46: World Exports as Share of World GDP, 1965-2007 ³³⁷

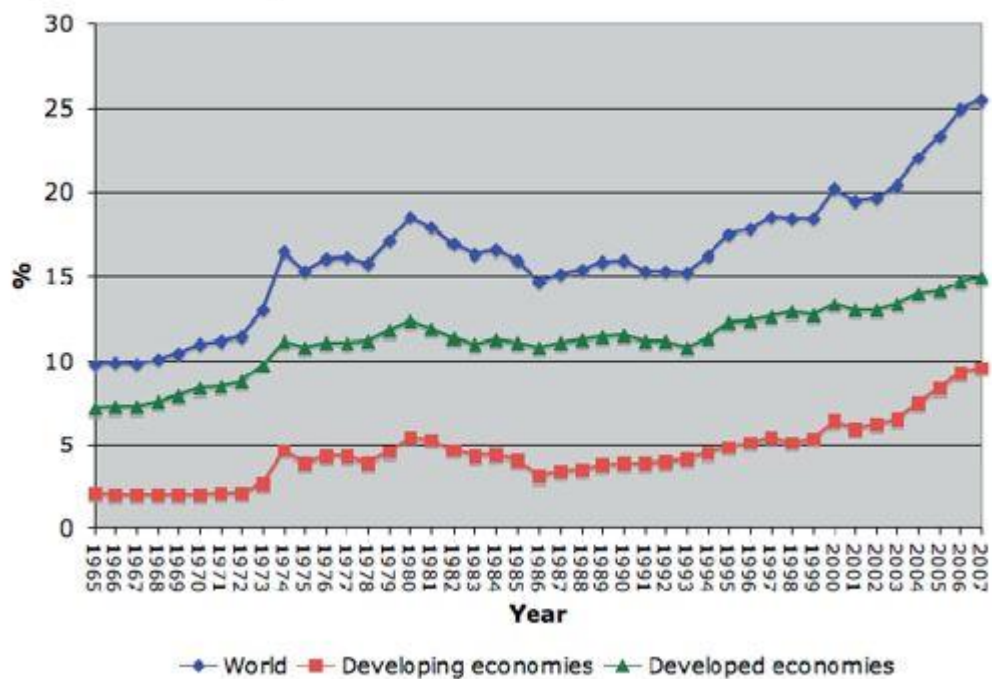


Figura 47: Regiões Compartilham nas Exportações Mundiais, 1948-2007 76

Figure 47: Regions Share in World Exports, 1948-2007 ³³⁸

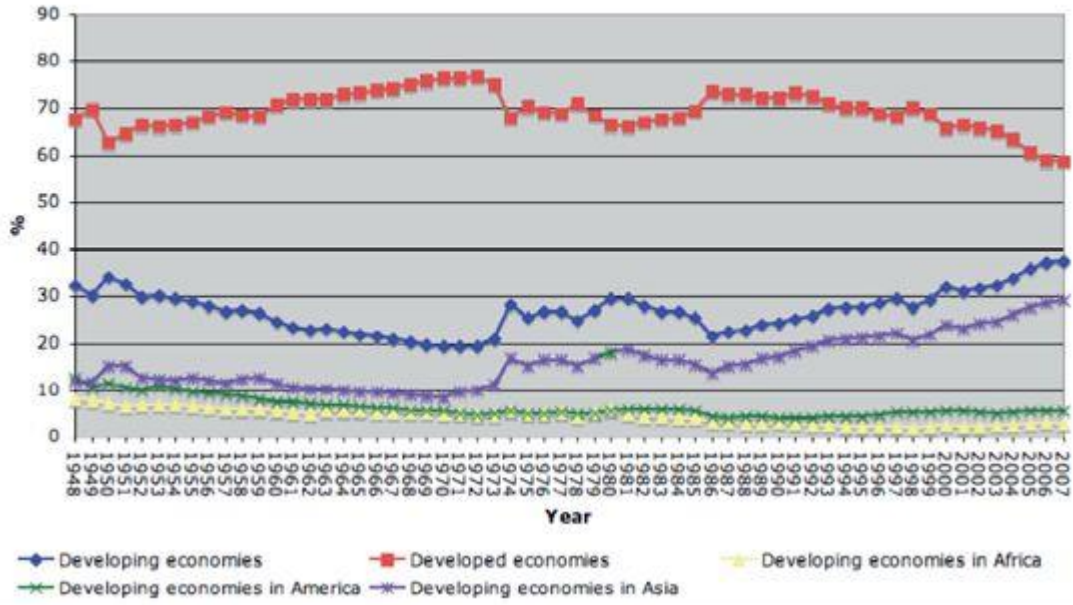


Figura 48: Exportações Mundiais Manufaturadas, por Região e Grupo de Renda, Anos Seleccionados, 1995-2009 (bilhões de dólares) 77

Excluding China= Excluindo a China/Excluindo a Europa/ Excluindo a Federação Russa / excluindo o Brasil/ Excluindo a Turquia/ excluindo a Índia/ excluindo a África do Sul

Least developed countries= Países menos desenvolvidos

Figure 48: World Manufactured Exports, by Region and Income Group, Selected Years, 1995–2009 (US-Dollar billions) ³³⁹

Table 9.2
World manufactured exports, by region and income group, selected years, 1995–2009 (US\$ billions)

Country group	1995	2000	2005	2009
World	4,072	5,149	8,252	9,490
Developed countries	3,086	3,634	5,409	5,792
Developing countries	985	1,514	2,844	3,699
<i>Region</i>				
East Asia and the Pacific	667	937	1,736	2,308
Excluding China	534	708	1,013	1,153
Developing Europe	46	125	306	402
Excluding Russian Federation	45	84	214	293
Latin America and the Caribbean	143	246	378	415
Excluding Brazil	108	204	292	318
Middle East and North Africa	68	120	240	335
Excluding Turkey	51	96	173	248
South and Central Asia	38	55	129	181
Excluding India	12	18	42	31
Sub-Saharan Africa	23	32	56	58
Excluding South Africa	6	12	23	22
<i>Income</i>				
High-income	438	566	851	983
Upper middle-income	274	475	845	1,005
Lower middle-income	267	456	1,112	1,663
Low-income	7	18	36	48
Least developed countries ^a	5	11	19	–

^aUNIDO: Industrial Development Report 2011, p. 154

Enquanto o papel do comércio está aumentando, as economias imperialistas lucram muito mais com isso do que as semicolônias. A razão para isso é que os termos de comércio estão se desenvolvendo em direção à vantagens para os países imperialistas e para a desvantagem dos países semicoloniais.

Qual é o "termo das trocas"? Significa a relação entre os preços de exportação dos países semicoloniais e seus preços de importação. Para dar um exemplo: Entre 1980 e 1992, a relação entre os preços de exportação e importação caiu 52%. ⁷⁸ Isso significa que, se 100 unidades de mercadorias dos países semicoloniais pudessem ser negociadas por 100 unidades dos países imperialistas no ano de 1980, essas 100 unidades só poderiam ser negociadas por 48 unidades dos países imperialistas no ano de 1992.

Este não é um desenvolvimento específico, de curto prazo, mas uma tendência histórica de longo prazo do capitalismo. Como mostramos na Figura 49, reproduzida pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe-CEPAL da ONU em 2002, é uma tendência característica na época imperialista onde os monopólios dominam a economia mundial. Este índice real de preços das

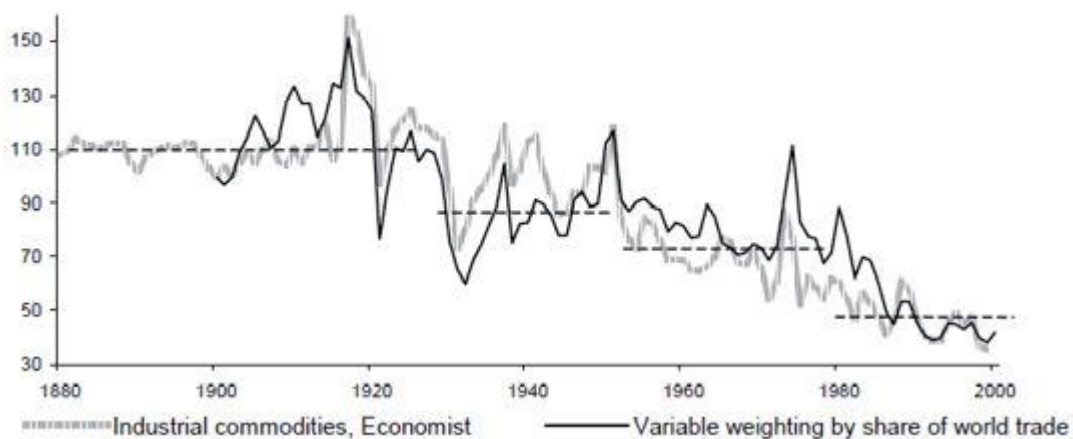
commodities – um composto de 24 commodities industriais não petrolíferas – mostra que os termos de comércio dessas commodities essenciais para os países semicoloniais deterioraram-se significativamente. No ano de 2000, o índice para essas commodities era de apenas 1/3 de seu nível antes de 1920. Só no período de 1980 a 2000, caiu quase 30%. 79

Figura 49: Desenvolvimento de Termos de Comércio 1880-2000: Índice real de preços de commodities 80

Industrial commodities= Matérias primas industriais

variable weighting by share of world trade=ponderação variável por participação no comércio mundial

Figure 49: Development of Terms of Trade 1880-2000: Real Commodity Price Index ³⁴⁰

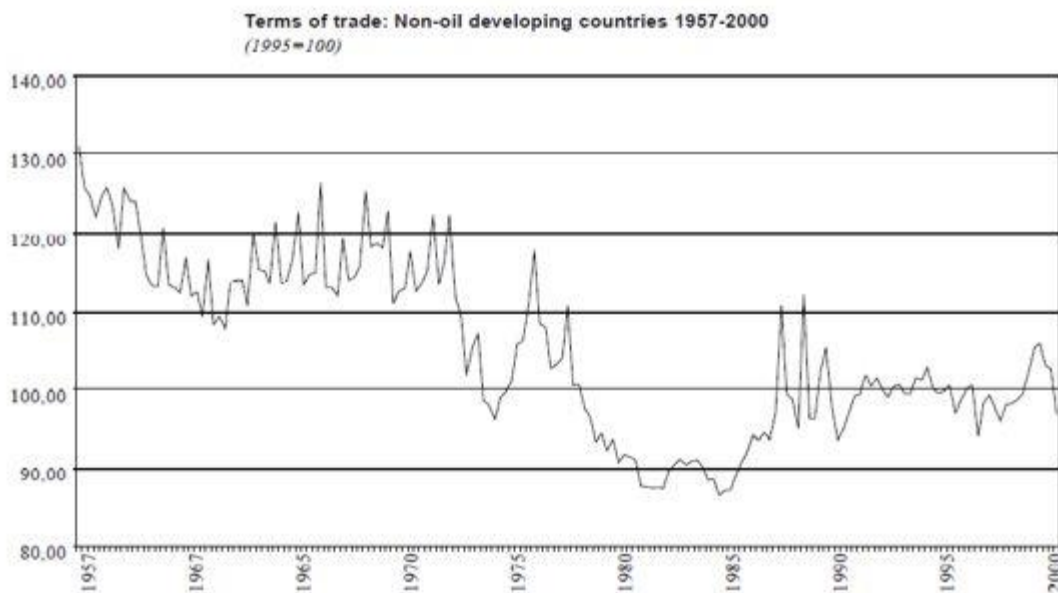


Esses achados também são observados por outro autor. Arturo O'Connell mostrou em um estudo a deterioração dos termos de comércio para os países em desenvolvimento não produtores de petróleo no período 1957-2000. Como demonstra a Figura 50, os termos de comércio desses países diminuíram nestes anos em mais de um terço. 81

Figura 50: Desenvolvimento de Termos de Comércio para Países Produtores de Petróleo Não-Petróleo, 1957-2000 82

Terms of trade: Non-oil developing countries 1957-2000=Termos de comércio: países em desenvolvimento não petrolíferos 1957-2000

Figure 50: Development of Terms of Trade for Non-Oil Producing Developing Countries, 1957-2000 ³⁴¹



Lembramo-nos dos teóricos do Partido dos Trabalhadores Socialistas-SWP/IST que explicaram a diminuição da parcela dos países semicoloniais no comércio mundial após a Segunda Guerra Mundial simplesmente por sua "importância em declínio". Na verdade, a principal razão para isso foi a deterioração dos termos de comércio. Ernest Mandel apontou que a queda da participação no comércio mundial dos países semicoloniais de 30% para 20,4% entre 1950 e 1960 foi causada principalmente pela queda nos preços das matérias-primas. Em 1962, os preços das matérias-primas eram 38% menores do que em 1954, o que significou uma perda de US\$ 11 bilhões para os países semicoloniais. 83)

Para dar outro exemplo: entre 1950 e 1986, o poder aquisitivo das exportações de matérias-primas diminuiu pela metade em relação às commodities industriais. Em outras palavras, os países que exportam principalmente matéria-prima têm de pagar o dobro pela mesma quantidade de bens industriais. 84

Vários economistas tentaram calcular os custos dessa deterioração dos termos de comércio para os países semicoloniais. Samir Amin calculou que os países semicoloniais perderam cerca de US\$ 22 bilhões por ano em meados da década de 1960 como resultado de uma troca desigual. Para se ter uma noção da proporção: Isso era muito mais do que os monopólios investidos naquela época. A exportação de capital privado foi de cerca de US \$ 12 bilhões em 1964. 85

Augustín Papić, ex-membro da *Comissão Norte-Sul* das Nações Unidas, calculou na década de 1990 que a transferência invisível dos países semicoloniais para os países imperialistas devido ao desenvolvimento negativo (para o Sul) dos termos de comércio é de cerca de 200 bilhões de dólares por ano. 86

O controle do comércio mundial pelos monopólios imperialistas é outra fonte importante para o lucro extra. A maior parte da marinha mercante do mundo está nas mãos de monopólios imperialistas. Isso permite que eles se apropriem de uma proporção substancial de valor excedente das semicolônias. Economistas da Alemanha Oriental relataram que o preço de exportação de commodities das semicolônias era de apenas cerca de 20-30% do preço de varejo nas metrópoles imperialistas. É claro que os monopólios têm que pagar pelo transporte e pelo varejo, no entanto, um enorme lucro extra permanece com eles. 87 Éric Toussaint informou que os monopólios pagam apenas cerca de 10-15% do preço de varejo para as semicolônias. 88

A indústria petrolífera também é um exemplo marcante. O controle monopolista do comércio e processamento de petróleo permite que eles se apropriem de uma grande parte da renda do petróleo. Embora isso tenha mudado até certo ponto na década de 1970, de acordo com um relatório das Nações Unidas em 1982, os monopólios ainda se apropriam de 2/3 da renda de petróleo enquanto o resto vai para os países produtores de petróleo (antes da década de 1970, os monopólios tomavam 90% do aluguel de petróleo!). 89

Outra forma de apropriação de valor pelos Estados imperialistas são as barreiras tarifárias e não tarifárias que impõem para as mercadorias importadas do Sul. Os países semicoloniais têm de pagar tarifas mais altas e barreiras não tarifárias para suas exportações para o Norte do que os monopólios imperialistas têm que pagar por suas exportações para o Sul. Como resultado, as semicolônias sofrem perdas adicionais. De acordo com a ONU, o Sul perdeu cerca de US\$ 40 bilhões por ano na década de 1990 por causa das restrições comerciais imperialistas. 90

Por fim, também temos de mencionar os enormes custos do controle que os monopólios imperialistas têm sobre as tecnologias modernas através de patentes. Como as economias imperialistas têm um maior nível de produtividade e maiores recursos de capital, a maioria das capacidades mundiais de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) são de propriedade do capital monopolista. Portanto, o capital imperialista possui a maioria das patentes mundiais e o capital semicolonial tem que pagar pelo uso de suas tecnologias. Economistas da Alemanha Oriental calcularam os custos totais para a dependência tecnológica das semicolônias no final da década de 1970 de cerca de US \$ 30-50 bilhões por ano. 91

Antes de fecharmos este capítulo, queremos apontar um fato relativamente pequeno que é altamente simbólico da hipocrisia imperialista. A ajuda oficial ao desenvolvimento é frequentemente declarada como um apoio generoso dos países ricos para os pobres. Na verdade, essa ajuda oficial é frequentemente usada para comprar mercadorias dos monopólios imperialistas ou é usada para pagar por "especialistas estrangeiros" que geralmente são dos países ricos. De acordo com um

número das Nações Unidas, 90% da ajuda assistencial do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento- PNUD na década de 1990 foi gasto com especialistas estrangeiros! 92

Vimos agora várias formas de troca desigual que permitem aos monopólios imperialistas se apropriarem de uma parcela significativa do valor produzido no mundo semicolonial.

iv) Transferência de Valor do Sul Semicolonial para o Norte Imperialista: Imigração

Explicamos antes que outra forma de o capital monopolista extrair lucros excedentes é através da super-exploração dos migrantes que muitas vezes vêm do mundo semicolonial. O capital imperialista obtém lucros pagando aos trabalhadores migrantes abaixo do valor de sua força de trabalho. Vamos agora tentar obter uma visão geral concreta sobre as consequências da super-exploração dos migrantes.

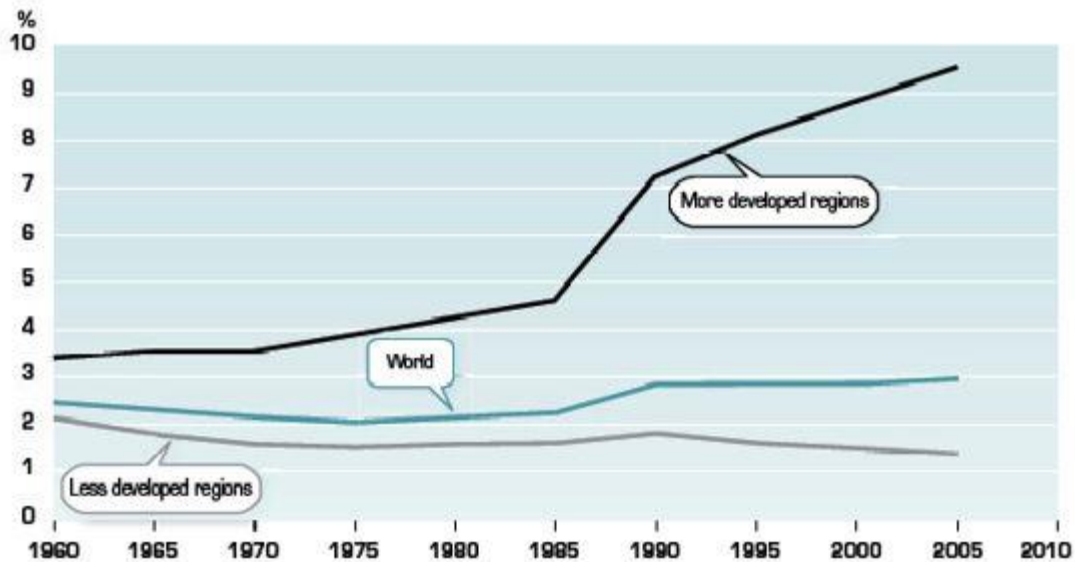
Dado a miséria e as guerras no mundo semicolonial, não é de surpreender que muitas pessoas fujam para países vizinhos. (Nas estatísticas burguesas, os refugiados e os migrantes do para fins de trabalho são reunidos. Portanto, um dos países com maior população "migrante" é Gaza e a Cisjordânia!) No entanto, enquanto nos países do Sul os migrantes representam apenas uma proporção relativamente pequena da população (entre 1,5% e 3% se alguém tomar os continentes como um todo), eles representam entre 10% e 14% da população na Europa e na América do Norte. 93 Mais da metade dos 214 milhões de migrantes em todo o mundo vivem nessas duas regiões imperialistas. 94 De acordo com um artigo de pesquisa do Instituto Internacional de Estudos do Trabalho, no total, no ano de 2000, 66% de todos os migrantes trabalhavam nos chamados países de alta renda e outros 14% em países de renda média alta – uma parcela que certamente é maior hoje. 95

Esse desenvolvimento também é mostrado na Figura 51, que tiramos de um estudo recente da OCDE. Demonstra que a migração é, antes de tudo, uma questão relevante para os países imperialistas (que a OCDE chama de "Regiões Mais Desenvolvidas" nesta Figura).

Figura 51: Migrantes em percentagem da População, 1960-2005 96

Less developed regions; more developed regions=Regiões menos desenvolvidas; regiões mais desenvolvidas

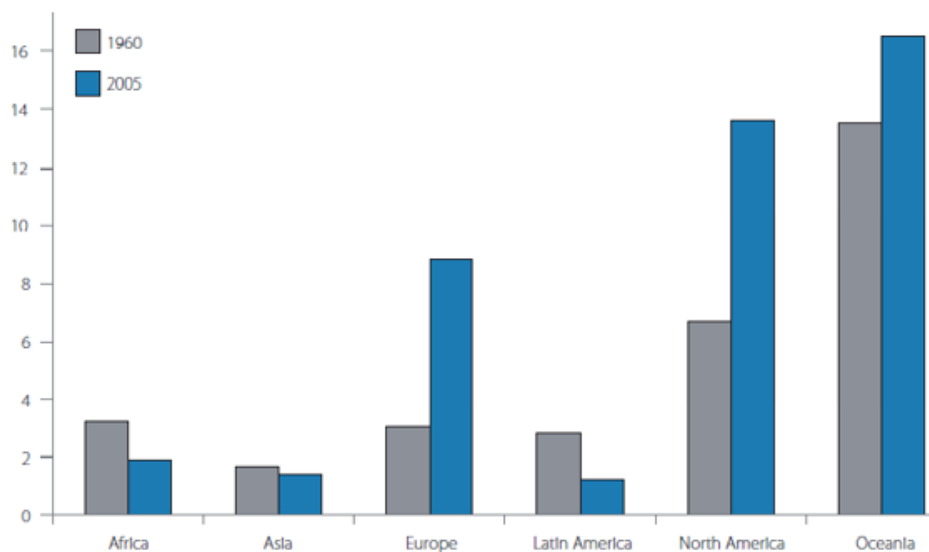
Figure 51: Migrants as a percentage of the Population, 1960-2005 ³⁶⁰



Por um lado, devido à crescente miséria nas semicolônias, por outro, devido à crescente necessidade das capitais monopolistas por mão-de-obra mais barata, a parcela de migrantes nos países imperialistas aumentou drasticamente nas últimas décadas. Nos EUA, a participação de migrantes entre a população cresceu de 5,2% (1960) para 12,3% (2000) para mais de 14% (2010). Na Europa Ocidental, a parcela de migrantes da população cresceu de cerca de 4,6% (1960) para quase 10% (2010). ⁹⁷ Ao mesmo tempo, a parcela de migrantes nos países semicoloniais diminuiu (ver Figura 52)

Figura 52 : A parcela de Migrantes na população, 1960 e 2005 (em %) ⁹⁸

Figure 52: The share of Migrants in the population, 1960 and 2005 (in %) ³⁶³



Esses trabalhadores migrantes têm sido centrais para o – já em desaceleração – crescimento da produção de valor capitalista nos países imperialistas. De acordo com um estudo do McKinsey Global Institute "*trabalhadores estrangeiros contribuíram com cerca de 40% do crescimento da força de trabalho de 1980 a 2010*". 99

Essas estatísticas sub-representam a importância dos migrantes. Primeiro, porque os migrantes da segunda ou terceira geração ou que possuíam uma cidadania, muitas vezes não são reconhecidos como migrantes pelas autoridades imperialistas. Segundo, porque os migrantes têm uma parcela maior entre aqueles que estão trabalhando. Finalmente, os migrantes estão frequentemente concentrados nas cidades. Assim, nos países imperialistas, os migrantes representam aproximadamente entre 10-25% da classe trabalhadora e entre os centros urbanos essa participação é muitas vezes maior.

Vamos dar alguns exemplos: Já no início dos anos 2000 metade de todos os trabalhadores residentes em Nova York eram negros, hispânicos ou pertenciam a outra minoria nacional. No interior e no exterior de Londres, 29% e 22% respectivamente, dos residentes eram de minorias étnicas em 2000. 100 Em nosso estudo sobre racismo e migrantes, mostramos que em Viena (capital da Áustria) os migrantes representam 44% da população. Dois terços deles vêm da antiga Jugoslávia, Turquia ou estados da UE do Leste Europeu. 101

A tabela 43 a seguir dá uma visão geral da participação dos migrantes entre a força de trabalho nos países da OCDE, embora seja preciso ter cautela porque as estatísticas nacionais não reconhecem migrantes de segunda geração como tal.

Tabela 43: Números da Força de Trabalho nascida no Exterior em países da OCDE, 1999-2008 ¹⁰²

thousands and percentages=e milhares e em percentagens

		Thousands and percentages									
		1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
AUS	Australia	2 360.2	2 397.1	2 450.6	2 502.0	2 584.0	2 663.1	2 778.9	2 914.9
	% of total labour force	24.5	24.6	24.7	24.9	25.0	25.2	25.8	26.5
AUT	Austria	470.1	474.2	514.9	507.3	557.3	584.6	624.6	662.0	695.4	682.8
	% of total labour force	12.3	12.4	13.5	13.3	14.3	15.3	15.6	16.2	16.8	16.3
BEL	Belgium	450.5	454.6	456.7	489.1	499.3	512.1	535.9	569.8	498.6	473.8
	% of total labour force	10.4	10.4	10.7	11.3	11.4	11.5	11.7	12.3	10.6	10.0
CAN	Canada	3 150.8	3 634.8
	% of total labour force	19.9	21.2
CHE	Switzerland	..	1 007.4
	% of total labour force	..	26.3
DNK	Denmark	154.4	161.0	167.1	175.3	188.1	202.7
	% of total labour force	5.4	5.9	6.1	6.4	6.6	6.8
ESP	Spain	645.1	804.4	1 085.5	1 448.4	1 832.6	2 240.7	2 782.0	3 229.6	3 719.8	4 132.6
	% of total labour force	3.8	4.5	6.1	7.8	9.5	11.2	13.4	15.1	16.9	18.2
FIN	Finland	81.3	87.6	96.0	102.1	112.8	124.2
	% of total labour force	3.1	3.4	3.6	3.9	4.2	4.6
FRA	France	2 855.8	3 052.9	3 025.6	3 146.6	3 308.6	3 332.8
	% of total labour force	10.7	11.3	11.1	11.4	11.9	11.8
GBR	United Kingdom	3 081.0	3 340.0	3 678.0
	% of total labour force	11.0	11.8	12.6
GRC	Greece	286.7	266.6	290.3	338.2	349.4	402.7	421.7	400.2	426.6	477.7
	% of total labour force	6.4	5.9	6.5	7.4	7.5	8.5	8.9	8.3	8.8	9.8
HUN	Hungary	68.7	66.8	55.2	54.8	77.0	85.2	78.9	73.8	73.7	89.8
	% of total labour force	1.7	1.7	1.4	1.3	1.9	2.1	1.9	1.7	1.8	2.1
IRL	Ireland	128.8	135.8	153.3	170.8	185.9	187.6	232.4	287.3	339.6	443.2
	% of total labour force	7.8	7.9	8.7	9.5	10.1	9.9	11.8	13.9	15.8	20.3
ITA	Italy	1 907.2	2 094.6	2 245.0	2 546.5
	% of total labour force	7.9	8.6	9.2	10.3
LUX	Luxembourg	72.6	75.5	79.0	79.8	84.1	89.1	89.8	91.3	98.3	98.7
	% of total labour force	40.4	41.0	42.0	41.4	43.5	45.0	44.4	44.6	46.6	46.4
MEX	Mexico	..	118.8
	% of total labour force	..	0.4
NLD	Netherlands	684.2	895.3	867.9	932.0	906.0	929.1	968.1	931.4	949.4	989.4
	% of total labour force	8.7	11.2	10.7	11.3	10.9	11.2	11.6	11.0	11.1	11.4
NOR	Norway	124.2	138.1	139.9	153.3	163.2	166.4	173.5	186.9	817.0	215.3
	% of total labour force	5.4	6.0	6.0	6.5	7.0	7.1	7.4	7.8	8.4	8.5
NZL	New Zealand	372.3	498.8
	% of total labour force	19.9	23.8
POL	Poland	58.8	55.9	50.9	43.2	51.7
	% of total labour force	0.4	0.3	0.3	0.3	0.3
PRT	Portugal	232.7	276.9	302.2	321.3	349.2	379.3	405.5	417.1	444.0	497.5
	% of total labour force	4.8	5.6	6.1	6.3	6.8	7.4	7.8	7.9	8.4	9.4
SWE	Sweden	428.3	445.5	448.7	442.5	452.8	461.4	497.8	521.6
	% of total labour force	9.8	10.1	10.0	9.9	10.1	10.3	10.8	11.2
USA	United States	17 054.7	18 028.5	18 994.1	20 917.6	21 563.6	21 985.2	22 421.6	23 342.9	24 777.8	25 085.5
	% of total labour force	12.3	12.9	13.4	14.6	14.8	15.1	15.2	15.6	16.3	16.5

Efeitos dramáticos para semicolônias: Fuga de Cérebros e Remessas de valores para países de origem

As consequências para os países semicoloniais são dramáticas. Muitas forças de trabalho qualificadas e altamente qualificadas – educadas no país de origem – migram para as metrópoles imperialistas

para fugir da pobreza e ajudar suas famílias a sobreviver com remessas. Como resultado, os países semicoloniais sofrem enormes perdas de forças de trabalho e conhecimento humano.

Este não é um fenômeno recente, mas que existe há muitas décadas. A Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento-UNCTAD calculou que os países imperialistas ganharam com a migração de profissionais altamente qualificados do Sul para o Norte US\$ 51 bilhões em capital humano entre 1961 e 1972. [103](#)

Economistas da Alemanha Oriental deram números no final da década de 1980 de cerca de 50 a 60 mil trabalhadores altamente qualificados e cientistas que partiram das semicolônias para as metrópoles imperialistas por ano. [104](#) De acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano da ONU de 1987, quase um terço das pessoas altamente qualificadas da África haviam se mudado para a Europa. [105](#) Mais de um terço dos indivíduos com ensino superior da África, Caribe e América Central emigraram para os Estados Unidos e outros países da OCDE. [106](#) Desde então, a migração aumentou ainda mais. De acordo com um relatório do Banco Mundial, cerca de 23.000 acadêmicos africanos deixam seu país todos os anos. Hoje, mais cientistas africanos vivem nos EUA do que na África! [107](#) A Organização Internacional para as Migrações estima "*que cerca de 400 mil cientistas e engenheiros de países em desenvolvimento (entre 30 e 50% do total) estavam trabalhando em pesquisa e desenvolvimento nos países industriais...*" [108](#)

Éric Toussaint dá um exemplo que mostra o quanto drástico é a fuga de cérebros do Sul para o Norte. Só em 1987, o Sudão perdeu 17% de seus médicos e dentistas, 20% de seus professores universitários, 30% de seus engenheiros e 45% de seus topógrafos terrestres. [109](#) Todos foram para os países imperialistas. Um processo semelhante começou nos antigos países estalinistas após 1989-91.

É um dos absurdos grotescos do capitalismo moderno que, enquanto cerca de 250 mil profissionais nascidos na África trabalham fora da África, ao mesmo tempo 100 mil profissionais não-africanos altamente pagos são empregados na África para agências da ONU e sob os auspícios de programas como o Corpo de Paz! [110](#)

Ao mesmo tempo, as remessas de valores desempenham um papel crescente para os países semicoloniais e, portanto, tornam-se cada vez mais importantes para os Estados imperialistas que controlam os fluxos financeiros e têm o poder de expulsar os migrantes. De acordo com cálculos da *Organização Internacional para as Migrações*, cerca de US\$ 414 foram transferidos em 2009 por migrantes para seus países de origem, o que é cerca de três vezes a ajuda oficial dos imperialistas! [111](#) Em vários países da África as remessas de valores compõem de 5%-20% do seu PIB anual, em alguns casos até metade! [112](#)

James Petras observou corretamente em um artigo sobre migração que essas remessas também são lucrativas para as instituições financeiras e a classe capitalista local pagarem dívidas com seus devedores imperialistas: "*As remessas dos imigrantes fortalecem os regimes parasitas retrógrados e estratos inteiros de intermediários que lucram com as transferências para o exterior sem contribuir com recursos para o desenvolvimento local. Regimes de exportação de mão-de-obra substituem o ganho no exterior por se envolver em investimentos locais. Em vez disso, eles usam ganhos estrangeiros para pagar dívidas estrangeiras incorridas*

por mutuários locais corruptos, compras de armas militares e importações de luxo de classe alta, ao mesmo tempo em que fornecem moeda forte permitindo que as corporações multinacionais locais reitam lucros com base nas vendas no mercado interno. A renda igualmente importante das remessas dos imigrantes permitiu que os regimes pagassem as enormes obrigações financeiras das instituições financeiras, que se envolveram em fraudes maciças." 113

Para manter seu sistema de Apartheid Global, os estados imperialistas financiam um enorme aparato de repressão. De acordo com o acadêmico burguês Philip Martin, cinco dos países imperialistas mais ricos – Canadá, Alemanha, Holanda, Grã-Bretanha e EUA – gastaram pelo menos US\$ 17 bilhões em controle de imigração em 2002. O autor estima que os 25 países ocidentais mais ricos provavelmente estão gastando US\$ 25-30 bilhões por ano em controle de imigração. 114

Exploração Direta e Indireta dos Migrantes

É claro que não é possível calcular a transferência de valor para os bolsos dos capitalistas através da exploração das forças de trabalho dos migrantes sem pagar integralmente por sua educação. No entanto, é possível achar números que demonstrem como os migrantes são explorados no âmbito de sua parte social do salário. Na Áustria, por exemplo, os migrantes pagaram 1,6 bilhão de euros de contribuições para o serviço social em 2007, mas receberam apenas € 0,4 bilhões. Assim, o Estado austríaco poderia se apropriar de 1,2 bilhão de euros e usá-lo para outros fins. 115 O exemplo do ano de 2007 não é exceção, mas a regra, como outros estudos têm mostrado. 116

Outro exemplo de como os capitalistas lucram com o trabalho dos migrantes pode ser visto na Grã-Bretanha. De acordo com o então ministro da migração, Liam Byrne, a "economia britânica" ganhou cerca de 6 bilhões de libras no ano de 2006. De acordo com o trabalho do então ministro financeiro os migrantes foram responsáveis por 15% a 20% do crescimento econômico na Grã-Bretanha nos anos de 2001-2006. 117

Um estudo da Organização Internacional para as Migrações relatou da mesma forma que os migrantes na Grã-Bretanha pagaram US\$ 4 bilhões a mais em impostos do que receberam em benefícios em 1999-2000. Ele continua: "*Outro estudo revelou que a população estrangeira contribuiu com cerca de 10% mais para a receita do governo do que recebeu em benefícios, e que na ausência de sua contribuição os serviços públicos teriam que ser cortados ou os impostos aumentados. Da mesma forma, na Alemanha, alegou-se que sem as contribuições dos imigrantes que vieram em 1988-91, o sistema de bem-estar social alemão teria entrado em colapso. Nos EUA, um estudo recente na Universidade Rice concluiu que migrantes legalizados e ilegais que haviam chegado desde 1970 custaram ao país US\$ 42,5 bilhões em 1992. Mas, mais recentemente, o Instituto Urbano mostrou que, em vez de um custo líquido de US\$ 42,5 bilhões, houve um benefício líquido para os EUA durante o mesmo período." 118*

E o Congresso Sindical Britânico relatou em um resumo de vários estudos: "*Eles também acham que a imigração desde 1998 elevou o PIB em 3,1%*". 119 Também relatam vários estudos que calcularam a transferência financeira dos migrantes para o Estado imperialista. Em uma visão geral eles resumiram:

"Em 2005, o Institute for Public Policy Research -IPPR (Instituto de Pesquisa de Políticas Públicas-órgão Britânico) atualizou este trabalho para cobrir o período de cinco anos de 1999/2000 a 2003/2004. O estudo apresentou achados semelhantes de uma forma diferente: os imigrantes consistentemente fizeram uma contribuição fiscal líquida maior do que os nascidos britânicos. Nos períodos em que o orçamento estava em superávit, os imigrantes fizeram uma contribuição líquida maior; quando o orçamento estava em déficit a contribuição negativa líquida dos imigrantes foi menor." 120

Uma dica dos enormes benefícios da migração para os capitalistas é dada por um estudo do Banco Mundial publicado em 2006. Nele, o autor, Lant Pritchett, calcula que as nações imperialistas que permitem 3% a mais trabalhadores migrantes ganhariam US\$ 51 bilhões, aumentando os retornos ao capital e reduzindo o custo de produção. 121 Pritchett, um ideólogo imperialista verdadeiramente liberal e amigo de Lawrence Summers (ex-secretário do Tesouro sob Clinton e conselheiro econômico de Obama), argumenta que as democracias ocidentais precisam ter "estômago" para um "programa de trabalhadores convidados" como o Kuwait ou Cingapura que importam um grande número de migrantes sem lhes dar nenhum direito político ou de bem-estar social. Ele argumenta que as pessoas devem ser convencidas do aumento massivo de migrantes super-explorados sem direitos: "*Se as pessoas se convencerem de que enviar trabalhadoras temporárias grávidas para casa é uma parte necessária de um sistema justo e legítimo de migração, estaremos dispostos a fazê-lo*". 122

Se olharmos para o nível de salários diretos, podemos ver a super-exploração novamente. De acordo com diferentes estatísticas na Áustria, os migrantes de países semicoloniais (que são a grande maioria dos migrantes em comparação com os provenientes de outros estados imperialistas) recebem oficialmente uma renda entre 20 e 25% abaixo da renda dos austríacos nativos. Outras estatísticas, no entanto, dão números de que os trabalhadores dos países de origem migrante mais importantes (Balcãs, Turquia, Estados da UE do Leste Europeu) recebem apenas 40%-65% da renda dos austríacos nativos. 123

Uma situação semelhante pode ser vista nos EUA. Um estudo de Harvard sobre os efeitos econômicos da migração apresentou os resultados de inúmeras pesquisas sobre as diferenças salariais entre migrantes e trabalhadores nativos. Os autores relataram que quase todas as pesquisas chegaram à conclusão de que os funcionários estrangeiros ganham entre 15-30% menos do que os trabalhadores nativos na América do Norte e - enquanto os números aqui variam mais - eles também têm um salário consideravelmente menor na Europa. 124

A vantagem econômica da migração para os monopólios imperialistas não se limita a salários mais baixos e à contribuição injusta do serviço social. Consiste também no fato de que, como força de trabalho com menos ou mesmo nenhum direito, os patrões podem demiti-los mais facilmente do que

os trabalhadores nativos. O porta-voz do grande capital da Grã-Bretanha – *The Economist* – resumiu há dois anos a vantagem desse de haver esse setor super-explorado dos trabalhadores:

"Outra razão pela qual os migrantes permanecem, no entanto, é que eles estão muitas vezes bem posicionados para responder a uma queda. Essas dinâmicas o suficiente para saltar entre os países para encontrar trabalho são também o tipo de pessoas dispostas a mudar de emprego, ter um corte salarial ou se mudar de residência dentro de um país, a fim de continuar trabalhando. Esse trabalho flexível e produtivo é, muitas vezes, exatamente o que as economias debilitadas precisam. Os autores da OCDE alertam que os países ricos devem ter cuidado pois podem perder a longo prazo se desencorajarem firmemente a migração nesse momento." 125

Os estrategistas do capital imperialista estão tranquilos cientes das vantagens da super-exploração dos migrantes. O Banco Mundial publicou um relatório em 2006 que tentou calcular os benefícios econômicos futuros da migração para os capitalistas. Nesse contexto, os autores compararam os diferentes níveis salariais dos trabalhadores na mesma ocupação nas diferentes regiões, ou seja, nos países imperialistas ("países de renda média-alta") por um lado e os diferentes tipos de países semicoloniais, por outro. Nesta comparação, eles levam em conta os diferentes níveis de preços nos respectivos países (que os economistas burgueses chamam de renda ajustada para "paridade do poder de compra"). O relatório do Banco Mundial conclui que os trabalhadores dos países semicoloniais mais avançados ("países de renda média-alta") ganham cerca de 42% do nível salarial dos trabalhadores na mesma ocupação nos países imperialistas, os trabalhadores em países semicoloniais menos avançados ("países de renda média alta") ganham cerca de 27% e os trabalhadores em países semicoloniais muito pobres ("países de baixa renda") ganham cerca de 20% desse nível. (Ver Figura 53)

Figura 53: Salários medianos em países imperialistas e semicoloniais, 1988-92 (em %) 126

Median wages levels for workers in the same occupation, relative to high-income economies, 1988-1992=Níveis salariais medianos para trabalhadores na mesma ocupação, em relação a economias de alta renda, 1988-1992

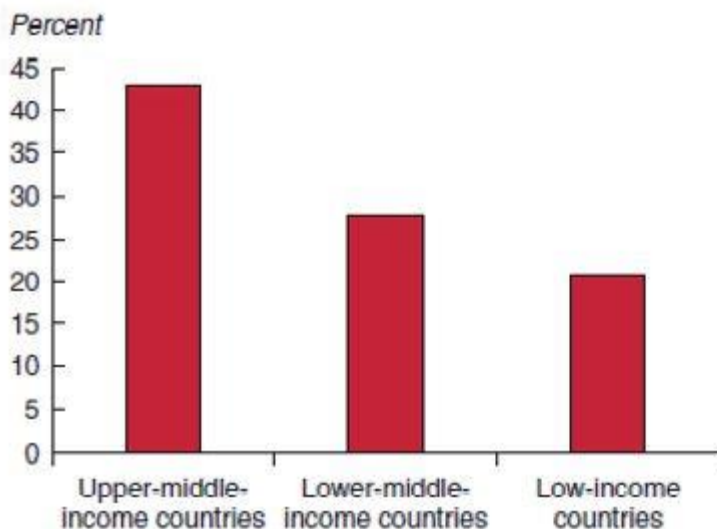
Upper-middle income countries=Países de renda média-alta

Lower-middle income countries=Países de renda média baixa

Low-income countries= Países de baixa renda

Figure 53: Median Wages in Imperialist and Semi-Colonial Countries, 1988-92 (in %) ³⁹¹

Figure 3.1 Median wage levels for workers in the same occupation, relative to high-income economies, 1988-92^a



³⁸⁹ World Bank: Global Economic Prospects 2006, pp. 44-45

³⁹⁰ World Bank: Global Economic Prospects 2006, p. xii

³⁹¹ World Bank: Global Economic Prospects 2006, Economic Implications of Remittances and Migration, p. 59

O relatório do Banco Mundial apresenta várias estimativas dos potenciais efeitos do aumento da migração para os países ricos até o ano de 2025. Eles concluem que nos países imperialistas são principalmente os capitalistas que se beneficiam do aumento da migração, enquanto os trabalhadores enfrentarão efeitos negativos sobre seus salários: "*As famílias nativas dos países de alta renda desfrutam de um aumento na renda, em média, à medida que os retornos ao capital aumentam, compensando o leve declínio dos salários*". 127

Naturalmente, os economistas do Banco Mundial não estão particularmente preocupados que o aumento da renda signifique principalmente um aumento dos lucros dos capitalistas às custas dos salários: "*Supondo que toda a renda de capital se acumule para as famílias nativas, as famílias nativas em países de alta renda estão em melhor agregado após o choque, com a renda real aumentando 0,4%. Ou seja, o aumento da renda de capital mais do que compensa a perda da renda salarial. (.....) Nos países de alta renda, os ganhos são gerados por maiores retornos ao capital — um pouco compensados por salários mais baixos.*" 128

Além disso, o Banco Mundial estima a possibilidade de o capital utilizar a migração para um ataque geral à classe trabalhadora nos países imperialistas, barateando os custos trabalhistas, aumentando a "flexibilidade do mercado de trabalho" (ou seja, mais fácil de contratar e demitir) etc.:

"Os países de destino podem desfrutar de ganhos econômicos significativos com a migração. O aumento da disponibilidade de mão-de-obra impulsiona o retorno ao capital e reduz o custo de produção. Uma simulação baseada em modelos realizada para este estudo indica que um aumento da migração de países em desenvolvimento suficiente para elevar a força de trabalho dos países de alta renda em 3% poderia aumentar a renda dos nativos em países de alta renda em 0,4%. Além disso, os países de alta renda podem se beneficiar do aumento da flexibilidade do mercado de trabalho, do aumento da força de trabalho devido aos preços mais baixos para serviços como cuidados infantis e, talvez, economias de escala e aumento da diversidade." 129

Resumindo todos esses relatórios e fatos, podemos concluir que há evidências esmagadoras da importância da super-exploração dos migrantes para o processo de acumulação da capital imperialista.

Tentativa do Cálculo Total do Saque Imperialista

Em seu livro "*Capitalismo Tardio*" Ernest Mandel observou corretamente no início da década de 1970 que, embora o lucro extra com a exportação de capital e o intercâmbio desigual sempre desempenharam papel importante na exploração imperialista do mundo semicolonial, seu impacto variou. Enquanto no período anterior à Segunda Guerra Mundial o lucro extra colonial decorrente da exportação de capital era mais importante, o intercâmbio desigual tornou-se a principal forma de super-exploração após a guerra. 130 Mas isso ainda é verdade hoje?

Desde que Mandel fez essa observação, há quatro décadas, houve duas mudanças importantes. Primeiro, desde a década de 1970 até hoje a exportação de capital em forma de empréstimos e outras formas de capital financeiro massivamente ganhou em importância. Hoje, os lucros extras derivados do capital monetário imperialista que é exportado para o mundo semicolonial são de grande importância como um ganho para o capital monopolista e como uma perda para os países semicoloniais.

Em segundo lugar, desde o surgimento da globalização, a internacionalização do processo produtivo tornou-se uma característica central da economia mundial. Como explicamos acima, isso leva a um enorme aumento do lucro extra do qual uma quantia enorme está escondida através de preços através dos quais os lucros aparecem como sendo criados no Norte, enquanto o valor excedente é de fato produzido através de super-exploração do Sul. No entanto, exatamente por ser escondido é muito difícil para nós calcularmos a quantidade de lucro extra extraído do Sul.

No entanto, tentaremos elaborar um cálculo da extensão do saque imperialista do mundo semicolonial. Lembremos as estimativas dos economistas da Alemanha Oriental e da ONU do final

dos anos 1980 e início dos anos 1990 que calcularam que o mundo semicolonial foi roubado em cerca de 20-25% de sua produção anual.

Como dissemos antes, é difícil fazermos tais cálculos, pois não possuímos todas as informações e também não sabemos o método exato que as Nações Unidas e os economistas da Alemanha Oriental costumavam calcular. No entanto, se dermos uma estimativa muito limitada, poderíamos dizer o seguinte.

i) De acordo com a Tabela 22 sobre as transferências líquidas de recursos financeiros, os países do Sul transferiram nos últimos anos até US\$ 1 trilhão anualmente para o Norte, o que equivale a 5% do PIB anual desses países em 2010.

ii) Temos também a cifra de fluxos ilícitos dos Países em Desenvolvimento de cerca de US\$ 1 trilhão anualmente.

iii) Consideramos a estimativa de uma perda de cerca de US\$ 200 bilhões por ano pela "transferência invisível" para a década de 1990, que era uma parte do PIB semicolonial de cerca de 3,3%. Calculamos uma parcela semelhante por enquanto porque não temos avaliações mais reais. Mas notamos brevemente que esta é certamente uma subestimação séria porque desde a década de 1990 o papel das cadeias produtivas globalizadas de corporações multinacionais aumentou significativamente e, portanto, suas oportunidades de manipular a definição de preços e escondendo a verdadeira transferência de valor do Sul.

iv) No que se refere à perda dos países semicoloniais pela migração, tomamos a mesma proporção de sua perda total que a ONU fez no seu cálculo de 1992 (ver Figura 32). Foram US\$ 250 bilhões em 1990, o que equivaleu a cerca de 10 a 12% da renda nacional anual dos países em desenvolvimento. Estimamos a mesma proporção para hoje. Mais uma vez, esta é certamente uma subestimação dado o enorme aumento da migração desde então.

v) Adicionaremos também as várias outras formas de valores transferidos aos monopólios imperialistas, que são mencionados acima (perda por câmbio, royalties por patentes etc.), que são algumas centenas adicionais de bilhões de dólares mais.

Se somarmos essas várias cifras, podemos calcular que o roubo imperialista do mundo semicolonial certamente aumentou desde o início dos anos 1990. Estima-se que a transferência de valor do mundo semicolonial para o Norte seja pelo menos cerca de 30% do PIB anual semicolonial, talvez até um pouco mais.

E este cálculo não está completo desde que:

i) Não adicionamos os enormes lucros que os capitalistas fazem com o trabalho migrante nos próprios países imperialistas.

ii) Não adicionamos os lucros extras que estão escondidos através de preços através dos quais os lucros aparecem como sendo criados no Norte enquanto o valor excedente é de fato produzido através da super-exploração no Sul.

iii) E não adicionamos os lucros dos monopólios imperialistas apropriados no exterior que não são transferidos de volta.

Apesar da falta de cálculos precisos, podemos definitivamente dizer que o saque imperialista das semicolônias desempenha um papel muito importante como desvantagem do chamado Terceiro Mundo e em benefício dos monopólios imperialistas.

O economista socialista egípcio Samir Amin calcula uma parcela ainda maior do roubo imperialista do Sul. Ele estima um "*volume dessa rentabilidade imperialista, que parece estar na ordem de metade do Produto Interno Bruto das periferias, ou 17% do Produto Bruto mundial e 25% dos PIBs dos centros*". ¹³¹ Sem dúvida, Amin é um teórico progressista e muito atencioso. No entanto, uma vez que temos diferenças metodológicas com sua teoria do "valor mundial" e a teoria da dependência em geral, somos cautelosos em adotar esses cálculos.

Um Parêntese: O papel do saque das colônias para a formação do capitalismo na Europa ocidental no século XVI ao XVIII

Nesta reflexão queremos lidar brevemente com as razões históricas para o "atraso" econômico do mundo semicolonial. Como dissemos, uma das razões mais importantes para a exportação de capital para as semicolônias é a perspectiva de que os monopólios explorem forças trabalhistas baratas. Vários comentaristas argumentam que o menor nível salarial dos trabalhadores nas semicolônias simplesmente reflete o menor nível de produtividade do trabalho e o desenvolvimento mais atrasado das forças produtivas.

Embora este argumento contenha um elemento de verdade, é unilateral e, portanto, errado. Na verdade, trai uma certa ignorância imperialista e arrogância. Em primeiro lugar, seria criminoso ignorar as razões *pelas quais* as economias semicoloniais são menos produtivas do que as economias imperialistas. Mostramos acima, em uma citação do documento da ONG britânica Oxfam, que a desigualdade econômica entre os países não era tão grande no século XIX. Isso também é confirmado em um estudo de economistas soviéticos de quem reproduzimos a Tabela 44 abaixo. Mostra novamente que a lacuna no desenvolvimento econômico entre a Europa Ocidental e o Sul era muito menor em meados do século XIX – ou seja, antes do início da época imperialista – do que em meados do século XX.

Foi o surgimento do imperialismo e a exploração sistemática do Sul que impediu este último de desenvolver suas forças produtivas de forma semelhante à que aconteceu na Europa Ocidental e nos EUA. Esse domínio imperialista levou a um desenvolvimento econômico distorcido do mundo

colonial. Sua industrialização foi focada para satisfazer as necessidades de importação das metrópoles. Daí o foco do desenvolvimento de um setor exportador de matérias-primas, o aprimoramento das monoculturas na agricultura etc. em vez de um desenvolvimento orgânico da economia com um forte setor industrial tanto para meios de produção quanto para bens de consumo. Tal desenvolvimento também poderia ter proporcionado empregos suficientes para a mão-de-obra agrícola deixar o campo e ingressar no setor industrial. É verdade que nos séculos XVIII e XIX o Sul ficou cada vez mais atrás do desenvolvimento econômico da Europa Ocidental. Mas esse avanço das potências da Europa Ocidental não foi espontâneo ou automático, mas foi acompanhado e apoiado desde o início por um saque colonial do Sul.

Embora, naturalmente, pré-condições específicas que facilitassem o desenvolvimento do capitalismo já existissem na Europa Ocidental, o saque sistemático das colônias do século XVI ao XVIII desempenhou um papel enorme para a formação do capitalismo – a fase da acumulação primitiva. 132 O próprio Marx já apontou isso no primeiro Volume de *'O Capital'*:

"O sistema colonial e a abertura dos mercados do mundo, ambos incluídos nas condições gerais de existência do período fabril, fornecem rico material para o desenvolvimento da divisão do trabalho na sociedade." 133

Ele elaborou isso logo após no mesmo volume:

"A descoberta de terras de ouro e prata na América, o extermínio, escravização e enterramento da população nativa nas minas, o início da conquista e pilhagem das Índias Orientais, a transformação da África num espaço para a caça comercial de peles-negras, assinalam a aurora da era da produção capitalista. Estes processos idílicos são momentos principais da acumulação original. Segue-se de perto a guerra comercial das nações europeias, com o globo terrestre por palco. Inicia-se com a revolta dos Países Baixos contra a Espanha, toma contornos gigantescos na Inglaterra com a guerra anti-jacobina e prolonga-se ainda na guerra do ópio contra a China, etc.

Os diversos momentos da acumulação original repartem-se agora, mais ou menos em sequência temporal, nomeadamente, por Espanha, Portugal, Holanda, França e Inglaterra. Em Inglaterra, no fim do século XVII, eles são reunidos sistematicamente no sistema colonial, no sistema da dívida do Estado, no sistema moderno de impostos e no sistema protecionista. Estes métodos repousam, em parte, sobre o poder mais brutal, por exemplo, o sistema colonial. Todos eles utilizam, porém, o poder do Estado, o poder concentrado e organizado da sociedade, para acelerar, como em estufa, o processo de transformação do modo de produção feudal em capitalista e para encurtar a transição. A violência é a parteira de toda a velha sociedade que está grávida de uma nova. Ela própria é uma potência econômica." 134

Em seu trabalho abrangente sobre a economia política marxista Ernest Mandel tenta dar um cálculo global do lucro feito pelo saque do Sul pelas potências coloniais europeias. Ele chega à conclusão de que entre 1500 e 1750 eles acumularam aproximadamente um bilhão de libras esterlinas. Mandel faz a seguinte comparação interessante: *"Este é mais do que o capital total de todas as empresas industriais movidas a vapor que existiam na Europa por volta de 1800."* 135

Outra cifra mostra como a exploração capitalista aumentou a lacuna de riqueza entre as (antigas) potências coloniais e os países semicoloniais nos séculos XIX e XX (ver Tabela 44). Enquanto em 1850

os estados industriais capitalistas tinham uma participação na renda mundial de 38% e no Sul de 62%, essa relação mudou drasticamente para 83% respectivamente 17% em 1960. Assim, enquanto a renda per capita do Norte era apenas 1,8 vezes maior em relação ao Sul em 1850, isso cresceu para uma vantagem de uma renda 12,5 vezes maior por cabeça em 1960.

Tabela 44: Distribuição da Renda Nacional entre o Norte e o Sul, 1850 e 1960 [136](#)

Share of National income (in percent)=Participação da renda nacional (em porcentagem)

National income per head=Renda nacional per capita (em dólares americanos)

Table 44: Distribution of National Income between the North and the South, 1850 and 1960 ³⁹⁸

	1850	1960
<i>Share of National income (in percent)</i>		
Developed capitalist countries	38%	83%
Asia, Africa, Latin America	62%	17%
<i>National income per head (in US-Dollar)</i>		
Developed capitalist countries	145	1037
Asia, Africa, Latin America	80	83

Outro número é dado pelo falecido economista Angus Maddison, cuja análise da história da economia mundial foi pioneira. Em seu *magnum opus* "The World Economy: A Millennial Perspective" ele calcula que entre 1820 e 1998 os Países Capitalistas Avançados do Norte poderiam aumentar seu PIB por cabeça de 1.130 para 21.470 dólares americanos, ou seja, em 1900%. No mesmo período, os países capitalistas menos desenvolvidos do Sul poderiam aumentar seu PIB por cabeça apenas de 573 para 3.102 dólares americanos, ou seja, em 541%. Em outras palavras, os países capitalistas avançados que roubaram as colônias e as semicolônias puderam crescer 3,5 vezes mais rápido que os países do Sul. (Ver Tabela 45

Tabela 45 (ver arquivo PDF): Nível do PIB per capita entre o Norte e o Sul, 1820 e 1998 (em 1990 dólares internacionais) [137](#)

Advanced Capitalist Countries = Países Capitalistas Avançados

Western Europe, North America, Australia, Japan

= Europa Ocidental, América do Norte, Austrália, Japão

Asia (except Japan), Africa, Latin America, Eastern Europe and USSR=Ásia (exceto Japão), África, América Latina, Europa Oriental e URSS

Less Developed Capitalist Countries= Países Capitalistas Menos Desenvolvidos

Table 45: Level of Per Capita GDP between the North and the South, 1820 and 1998 (in 1990 international dollars) ³⁹⁹

	1820	1998
<i>Advanced Capitalist Countries</i> Western Europe, North America, Australia, Japan	1130	21470
<i>Less Developed Capitalist Countries</i> Asia (except Japan), Africa, Latin America, Eastern Europe and USSR	573	3102

Roman Rosdolsky, historiador e teórico marxista ucraniano, comentou corretamente em seu estudo *'The Making of Marx's Capital'* que "a acumulação primitiva é um elemento constitutivo da relação capital e, portanto, está incluída na 'categoria do capital'". 138

Assim, resumimos que o saque das colônias já desempenhou um papel importante durante as épocas pré-imperialistas do capitalismo. Prejudicou decisivamente a possibilidade de desenvolvimento econômico do Sul. Não pode haver nenhum argumento sério contra a tese de que os países do Sul poderiam ter se unido a um caminho de crescimento econômico mais tarde. Mas eles nunca tiveram a chance de um desenvolvimento independente por causa do saque colonial e da opressão.

1 Matthew J. Slaughter: Como as empresas multinacionais dos EUA fortalecem a economia dos EUA (2009), publicada pela Business Roundtable e the United States Council Foundation, p. 16

2 Peter Dicken: Mudança Global. Mapeamento dos Contornos Em Mudança da Economia Mundial (Sexta Edição), The Guilford Press, Nova York 2011, p. 115

3 Jessica R. Sincavage, Carl Haub, O.P. Sharma: Custos trabalhistas no setor de manufatura organizado da Índia, em: Monthly Labor Review, maio de 2010, p. 13

4 Doug Henwood: Política Comercial de Clinton; em: Fred Rosen e Deidre McFadyen: Livre Comércio e Reestruturação Econômica na América Latina, Nova York 1995, p. 33

5 S.N. Beljajewa, E.M. Waschenzewa, I.I. Ermolowitsch, M.M. Koptew, E.I. Korezkaja, W.N. Kuwaldin, W.W. Mestscherjakow (Autorenkollektiv): Politische Ökonomie - Kapitalismus (1970), Berlim 1973, p. 112

6 Bassam Tibi: Die Rohstoffe der Peripherie-Länder und der Reproduktionsprozeß der Metropolen: Das Beispiel Erdöl; in: Volker Brandes (Hrsg.): Perspektiven des Kapitalismus. Handbuch 1, Frankfurt a.M. 1974, p. 108

7 Pierre Jalée: Das neueste Stadium des Imperialismus (1969), München 1971, p. 30

8 Relatado em Ernest Mandel: Capitalismo Tardio. Londres 1975, p. 65

9 Hans Tammer (Hrsg.): Anschauungsmaterial. Politische Ökonomie, Kapitalismus, Berlim 1984, p. 105

10 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2003, p. 17

11 Tony Norfield: O que o 'Preço da China' realmente significa, 3.6.2011, <http://economicsofimperialism.blogspot.co.at/2011/06/what-china-price-really-means.html>

12 Tony Norfield: O que o 'Preço da China' realmente significa, 3.6.2011

13 Citado em Ernest Mandel: Imperialismo e Burguesia Nacional na América Latina (1971); in: International Vol. 3, No. 1 (Primavera de 1976), Theoretical Journal of the International Marxist Group (Seção Britânica da Quarta Internacional), p. 24

14 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2011, p. 27

15 S.N. Beljajewa, E.M. Waschenzewa, I.I. Ermolowitsch, M.M. Koptew, E.I. Korezkaja, W.N. Kuwaldin, W.W. Mestscherjakow (Autorenkollektiv): Politische Ökonomie - Kapitalismus (1970), Berlim 1973, p. 112

16 Celso Furtado: Desenvolvimento Econômico da América Latina. Histórico e problemas contemporâneos, Nova York 1984, p. 201

17 Ver Éric Toussaint e Denise Comanne: Globalização e Dívida; in: Éric Toussaint & Peter Drucker (editores): FMI/Banco Mundial/OMC: O Fiasco do Mercado Livre, IIRE: Notebook for Study and Research No. 24/25, Amsterdam 1995, p. 12

18 Christian Zeller: Ein neuer Kapitalismus und ein neuer Imperialismus?; in: Christian Zeller (Hrsg.): Die globale Enteignungsökonomie, Münster 2004, p. 97

19 James Petras / Henry Veltmeyer: Globalização Desmascarada. Imperialismo no século XXI, Londres 2001, p. 81

20 Éric Toussaint: A Situação Internacional e a Dívida: Os novos desafios enfrentados pelo CADTM; 27.8.2007, p. 3

- 21 Banco Mundial: Global Development Finance 2007, p. 53
- 22 Banco Mundial: Global Development Finance 1999, p. 160. (Nosso cálculo)
- 23 Banco Mundial: Global Development Finance 2010, p. 24; Global Development Finance 2012, p. 40.; nosso cálculo Não jogamos juntos os números de 1970-1980 e 1990-2010, uma vez que os estatísticos do Banco Mundial utilizaram métodos diferentes para o cálculo da produção nacional anual.
- 24 Banco Mundial, Global Development Finance 2009, pp. 51-52
- 25 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2011, p. 11
- 26 Rainer Lanz e Sebastian Miroudot: Intra-Firm Trade: Patterns, Determinants and Policy Implications", (2011), OCDE Trade Policy Working Papers, No. 114, OCDE Publishing, <http://dx.doi.org/10.1787/5kg9p39lrwenn-en>, p. 12
- 27 Peter Dicken: Mudança Global. Mapeamento dos Contornos Em Mudança da Economia Mundial (Sexta Edição), The Guilford Press, Nova York 2011, pp. 20-21
- 28 Jørgen Elmeskov: O Panorama Econômico Geral para a Crise, Artigo da OCDE para sessão sobre "Como a economia global entrou em crise" no G20 Workshop sobre as Causas da Crise: Principais Lições Mumbai, 24-26 de maio de 2009, p. 2209
- 29 Jørgen Elmeskov: O Panorama Econômico Geral para a Crise, Artigo da OCDE para sessão sobre "Como a economia global entrou em crise" no G20 Workshop sobre as Causas da Crise: Principais Lições Mumbai, 24-26 de maio de 2009, p. 2209
- 30 John Smith: Imperialismo e a Lei do Valor, p. 15
- 31 Julie Froud, Sukhdev Johal, Adam Leaver, Karel Williams: Apple Business Model, pp. 22-23
- 32 Aditya Chakraborty: Apple: por que não emprega mais trabalhadores dos EUA? Guardian, guardian.co.uk, 23 de abril de 2012 <http://www.guardian.co.uk/technology/2012/apr/23/bad-apple-employ-more-us-workers>
- 33 Julie Froud, Sukhdev Johal, Adam Leaver, Karel Williams: Apple Business Model, p. 23
- 34 Derek Thompson: Os 11 quadros que supostamente provam que o Ocidente está condenado, 7 de agosto de 2012, <http://www.theatlantic.com/business/archive/2012/08/the-11-figures-that-allegedly-prove-that-the-west-is-doomed/260750>
- 35 Herbert Jauch: Globalização e Trabalho, p. 5
- 36 Jeffrey Bortz: Die lateinamerikanischen Schulden und die Zyklen der Weltwirtschaft; in: Bortz/Castro/Mandel/Wolf: Schuldenkrise, Frankfurt a.M. 1987, p. 102
- 37 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 1994, p. 128

38 Winfried Wolf: Schuld, Zins, Profit. Zum Verhältnis zwischen Dritter, Erster und westdeutscher Welt; in: Bortz/Castro/Mandel/Wolf: Schuldenkrise, Frankfurt a.M. 1987, p. 15

39 Paulo Nakatani e Rémy Herera: O Sul já quitou a sua dívida externa para o Norte. Mas o Norte nega sua dívida com o Sul, Montly Review, Volume 59, Edição 02 (junho de 2007)

40 Nações Unidas: Situação Econômica Mundial e Perspectivas 2012, p. 91

41 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2011, p. 27

42 Ver Nicola Liebert: Schuldenkrise: Die Position der Gläubiger und das Potential für einen Schuldenerlaß; in: PROKLA Nr. 71 (1988), p. 115

43 PNUD: Relatório de Desenvolvimento Humano 1992, p. 66

44 PNUD: Relatório de Desenvolvimento Humano 1992, p. 49

45 Ver Éric Toussaint e Denise Comanne: Globalização e Dívida; in: Éric Toussaint & Peter Drucker (editores): FMI/Banco Mundial/OMC: O Fiasco do Mercado Livre, IIRE: Notebook for Study and Research No. 24/25, Amsterdam 1995, p. 10

46 COMISSÃO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DIREITOS HUMANOS: Efeitos das políticas de ajuste estrutural no pleno era dos direitos humanos. Quinquagésima e quinta sessão, Item 10 da agenda provisória direitos econômicos, sociais e culturais. Relatório do Especialista Independente, Sr. Fantu Cheru, apresentado de acordo com as decisões da Comissão 1998/102 e 1997/103; <http://www.unhchr.ch/Huridocda/Huridoca.nsf/TestFrame/f991c6c62457a2858025675100348aef>

47 Éric Toussaint: Transferências da Periferia para o Centro, do Trabalho para o Capital (2004), p. 1

48 Éric Toussaint: Transferências da Periferia para o Centro, do Trabalho para o Capital (2004), p. 1

49 Banco Mundial, Global Development Finance 2012, p. 40

50 Jean Ziegler: Das Imperium der Schande. Der Kampf gegen Armut und Unterdrückung, München 2008, p. 87

51 Banco Mundial: O Pequeno Livro de Dados sobre Dívida Externa (2011), p. 2

52 Demba Moussa Dembélé: Dependência de ajuda e os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio-ODM, Pambazuka News Issue 220 (8.9.2005), <http://www.pambazuka.org/en/category/features/29376>

53 UNCTAD: Desenvolvimento Econômico na África: Sustentabilidade da Dívida: Oasis ou Mirage?, Nova York, 2004, p. 9

54 Ajuda Cristã: Basta: A opção de repúdio da dívida, 2007, p. 16

55 Éric Toussaint: Transferências da Periferia para o Centro, do Trabalho para o Capital (2004), p. 2

56 Banco Mundial, Global Development Finance 2012, p. 40

57 Helmut Faulwetter: Die Ausbeutung der Entwicklungsländer durch das international Monopolkapital; in: Autorenkollektiv (unter Leitung von Peter Stier): Handbuch Entwicklungsländer. Sozialökonomische Prozesse, Fakten und Strategien, Berlin 1987, p. 15

58 Banco Mundial: Horizontes de Desenvolvimento Global 2011. Multipolaridade: A Nova Economia Global, p. 135

59 James Robertson: O Futuro do dinheiro. Se quisermos um jogo melhor da vida econômica, teremos que mudar o sistema de pontuação; in: Soundings, edição 31 (dezembro de 2005), p. 129, <http://www.jamesrobertson.com/article/soundings31.pdf>

60 Dev Kar: Os motivadores e as dinâmicas dos fluxos financeiros ilícitos da Índia: 1948-2008, Global Financial Integrity, Novembro 2010, p. iiiii

61 Dev Kar: Os motivadores e as dinâmicas dos fluxos financeiros ilícitos da Índia: 1948-2008, p. 18

62 Ernest Mandel: Verschuldungskrise: Eine tickende Zeitbombe; in: Bortz/Castro/Mandel/Wolf: Schuldenkrise, Frankfurt a.M. 1987, p. 81

63 Winfried Wolf: Schuld, Zins, Profit. Zum Verhältnis zwischen Dritter, Erster und westdeutscher Welt; in: Bortz/Castro/Mandel/Wolf: Schuldenkrise, Frankfurt a.M. 1987, p. 22

64 Ver Éric Toussaint e Denise Comanne: Globalização e Dívida; in: Éric Toussaint & Peter Drucker (editores): FMI/Banco Mundial/OMC: O Fiasco do Mercado Livre, IIRE: Notebook for Study and Research No. 24/25, Amsterdam 1995, p. 13

65 Éric Toussaint: Seu Dinheiro ou sua Vida. A Tirania das Finanças Globais; Bruxelas 1999, p. 104

66 Éric Toussaint: Transferências da Periferia para o Centro, do Trabalho para o Capital (2004), p. 14

67 Dev Kar: Fluxos Financeiros Ilícitos dos Países Menos Desenvolvidos: 1990-2008, Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas 2011, p. 3

68 Dev Kar e Sarah Freitas: Fluxos Financeiros Ilícitos de Países em Desenvolvimento Ao longo da década de 2009 (2011), p. i

69 Dev Kar e Sarah Freitas: Fluxos Financeiros Ilícitos de Países em Desenvolvimento Ao Longo da Década Terminando 2009, p. vii

70 Dev Kar e Devon Cartwright-Smith: Fluxos Financeiros Ilícitos da África: Recursos Ocultos para o Desenvolvimento, Integridade Financeira Global 2009, p. 1

71 Rede de Justiça Fiscal para a África: Saqueando a África: Alguns Fatos e Números, p. 1, <http://www.liberationafrique.org/IMG/pdf/TJN4Africa.pdf>

72 Alejandro Teitelbaum , 72 / Melik Özden: Corporações Transnacionais. Principais atores em violações de direitos humanos (2011); CETIM: Relatório Crítico nº 10. Questão: Negócios e Direitos Humanos, http://cetim.ch/en/publications_cahiers.php

73 Tax Justice Network for Africa: Saqueando a África: Alguns Fatos e Números, p. 2

74 Christian Fuchs: Uma Contribuição para estudos críticos de globalização, p. 19

75 Christian Fuchs: Uma Contribuição para estudos críticos de globalização, p. 19

76 Christian Fuchs: Uma Contribuição para estudos críticos de globalização, p. 25

77 UNIDO: Relatório de Desenvolvimento Industrial 2011, p. 154

78 Ver Éric Toussaint e Denise Comanne: Globalização e Dívida; in: Éric Toussaint & Peter Drucker (editores): FMI/Banco Mundial/OMC: O Fiasco do Mercado Livre, IIRE: Notebook for Study and Research No. 24/25, Amsterdam 1995, p. 11

79 ECLAC: Globalização e Desenvolvimento (2002), p. 38

80 ECLAC: Globalização e Desenvolvimento (2002), p. 38

81 Arturo O'Connell: O Retorno da "Vulnerabilidade" e o Pensamento Precoce de Raúl Prebisch sobre o "Ciclo de Negócios Argentino"; in: CEPAL REVIEW 75 (dezembro de 2001), p. 53.

82 Arturo O'Connell: O Retorno da "Vulnerabilidade" e o Pensamento Inicial de Raúl Prebisch sobre o "Ciclo de Negócios Argentino", p. 53

83 Ver Ernest Mandel: A teoria marxista da acumulação primitiva e da industrialização do terceiro mundo; em: Folgen einer Theorie. Ensaios über 'Das Kapital' von Karl Marx, Frankfurt a.M. 1967, p. 85. Neste contexto, queremos apontar para o papel contraditório de Mandel. Desempenhando um papel central e altamente progressista na liderança da Quarta Internacional durante a Segunda Guerra Mundial e no final, Mandel tornou-se mais tarde o teórico central do maior resultado da divisão da Quarta Internacional após sua degeneração centrista em 1948-51 – chamado de "Secretariado Internacional" e depois de 1963 o "Secretariado Unido da Quarta Internacional". Como nota lateral, observamos que ele teve, sem dúvida, não apenas enormes fracassos políticos, mas também cometeu erros importantes em sua tentativa de desenvolver a teoria econômica marxista. Como exemplos para isso, referimos-se à sua tese (em 1968) de que o "neocapitalismo" foi historicamente "um terceiro estágio no desenvolvimento do capitalismo" após a segunda etapa do capitalismo monopolista ou sua interpretação afirmativa da teoria anti dialética e objetiva das "Longas Ondas". Tornou-se um teórico líder do centrismo, não do marxismo revolucionário. No entanto, é preciso também reconhecer o fato de que ele desenvolveu importantes insights na teoria econômica (e não apenas aqui) que precisam ser integrados ao marxismo. Como teórico, ele era muito superior aos seus concorrentes centristas como Tony Cliff, Ted Grant ou Lambert, que compartilhavam seu mal-entendido centrista do marxismo revolucionário, mas não tinham sua força

teórica. Ele era – pode-se dizer – o Kautsky da segunda metade do século XX com todas as suas forças e fraquezas.

84 Dieter Boris: Die Verschuldungskrise in der Dritten Welt. Ursachen, Wirkungen, Gegenstrategien; in: Dieter Boris (Hrsg.): Schuldenkrise und Dritte Welt, Köln 1987, p. 22

85 Ver Ernest Mandel: Capitalismo Tardio. Londres 1975, p. 346

86 Ver Robert Went: Ein Gespenst geht um... Globalisierung! Eine Analysis, Zurique 1997, p. 57

87 Helmut Faulwetter: A exploração dos países em desenvolvimento pelo capital monopolista internacional; in: Autorenkollektiv (unter Leitung von Peter Stier): Handbuch Entwicklungsländer. Sozialökonomische Prozesse, Fakten und Strategien, Berlin 1987, p. 15

88 Éric Toussaint: Seu Dinheiro ou sua Vida. A Tirania das Finanças Globais; Bruxelas 1999, p. 99

89 Nações Unidas: Rumo à Nova Ordem Econômica Internacional. Relatório Analítico sobre Desenvolvimentos no Campo da Cooperação Econômica Internacional desde a Sexta Sessão Especial da Assembleia Geral, A/5-11,5

Nova Iorque, 1982, parágrafo 72, p. 14

90 Éric Toussaint: Seu Dinheiro ou sua Vida. A Tirania das Finanças Globais; Bruxelas 1999, p. 105

91 Helmut Faulwetter: A exploração dos países em desenvolvimento pelo capital monopolista internacional; in: Autorenkollektiv (unter Leitung von Peter Stier): Handbuch Entwicklungsländer. Sozialökonomische Prozesse, Fakten und Strategien, Berlin 1987, p. 17

92 Veja Éric Toussaint e Denise Comanne: Globalização Dívida; in: Éric Toussaint & Peter Drucker (editors): IMF/World Bank/WTO: The Free Market Fiasco, IIRE: Notebook for Study and Research No. 24/25, Amsterdam 1995, p. 12

93 Carlos Vargas-Silva: índice Internacional global de migrantes: The UK in International Comparison (2011), www.migrationobservatory.ox.ac.uk, p. 5. A terceira região onde os migrantes desempenham um papel importante são os estados produtores de petróleo no Oriente Médio. Já tratamos desse caso específico em outro lugar. Veja, por exemplo Michael Pröbsting: Lutas de libertação e interferência imperialista. O fracasso do “anti-imperialismo” sectário no Ocidente: algumas considerações gerais do ponto de vista marxista e o exemplo da revolução democrática na Líbia em 2011: Liberation struggles and imperialist interference. The failure of sectarian “anti-imperialism” in the West: Some general considerations from the Marxist point of view and the example of the democratic revolution in Libya in 2011, in: Revolutionary Communism, No. 5 (English-language Journal of the RCIT), p. 30, <http://www.thecommunists.net/theory/liberation-struggle-and-imperialism>; Michael Pröbsting: Die halbe Revolution. Lehren und Perspektiven des arabischen Aufstandes, in: Der Weg des Revolutionären Kommunismus, Theoretisches Journal der

Revolutionär-Kommunistischen Organisation zur Befreiung, RKOB), Nr. 8 (2011), p. 14, <http://www.thecommunists.net/publications/werk-8>

94 Ver Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas: Pesquisa Econômica e Social Mundial 2004. Migração Internacional (2004), S. viii e Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, Divisão de População: Tendências em índice de Migrantes Internacionais: The 2008 Revision (2009), p. 1 and 3

95 Philip L. Martin: Migração e desenvolvimento: Rumo a soluções sustentáveis (2004), p. 4

96 Brian Keeley: Migração Internacional. A face humana da globalização (2009), OCDE, p. 113, <http://www.oecd-ilibrary.org/docserver/download/0109111e.pdf?expires=1356794065&id=id&accname=guest&checksum=F14C2DA9A3866C53917E9045E83D6057>

97 Ver Rainer Münz / Heinz Fassmann: Migrantes na Europa e sua Posição Econômica: Evidências da Pesquisa da Força de Trabalho Europeia e de Outras Fontes (2004), pp. 5-6 e Carlos Vargas-Silva: índice Internacional Global de Migrantes: O Reino Unido em Comparação Internacional (2011), www.migrationobservatory.ox.ac.uk, p. 5

98 Rolph van der Hoeven: Tendências dos Mercados de Trabalho, Globalização Financeira e a crise atual nos Países em Desenvolvimento (2010), UN-DESA Working Paper No. 99, p. 11

99 McKinsey Global Institute: The World at Work: Jobs, Pay and Skills for 3.5 Billion People (2012), p. 15

100 Ver Peter Dicken: Mudança global. Mapeando os contornos mutantes da economia mundial (sexta edição), The Guilford Press, Nova York 2011, p. 496

101 Michael Pröbsting: Marxismus, Migração Integração revolucionária (2010); in: Der Weg des Revolutionären Kommunismus, Nr. 7, S. 31-33, <http://www.thecommunists.net/publications/werk-7/>; em inglês: Michael Pröbsting: Marxism, Migration and Revolutionary Integration, in: Revolutionary Communism, No. 1 (English-language Journal of the RCIT), p. 42 <http://www.thecommunists.net/oppressed/revolutionary-integration/>

102 OCDE: Perspectiva Internacional de migração 2010, p. 355

103 Ver Éric Toussaint e Denise Comanne: Globalização e dívida; em: Éric Toussaint & Peter Drucker (editores): FMI / Banco Mundial / OMC: O Fiasco do Mercado Livre, IIRE: Caderno para Estudo e Pesquisa No. 24/25, Amsterdam 1995, p. 12

104 Helmut Faulwetter: Die Ausbeutung der Entwicklungsländer durch das International Monopolkapital; em: Autorenkollektiv (unter Leitung von Peter Stier): Handbuch Entwicklungsländer. Sozialökonomische Prozesse, Fakten und Strategien, Berlin 1987, p. 17 e 184

105 PNUD: Relatório de Desenvolvimento Humano 1992, p. 57

- 106 Banco Mundial: Financiamento de Desenvolvimento Global 2003, p. 168
- 107 Ver Yohannes Woldetensae: Otimizando a fuga de cérebros africana - Estratégias para Mobilizar a Diáspora Intelectual para o Ganho de Cérebro (2007), p. 3
- 108 Organização Internacional para a Migração Mundial. Custos e benefícios da migração internacional (2005), IOM World Migration Report Series Volume 3, p. 173
- 109 Éric Toussaint: Seu dinheiro ou sua vida. A tirania das finanças globais; Bruxelas 1999, pp. 104-
- 110 Philip L. Martin: Migração e desenvolvimento: Rumo a soluções sustentáveis (2004), p. 17
- 111 Organização Internacional para a Migração: Sobre a Migração. Fatos & números (2010), <http://www.iom.int/jahia/Jahia/about-migration/facts-and-figures/lang/en>
- 112 Emmanuel Boon e Albert Ahenkan: A contribuição socioeconômica dos migrantes africanos para seus países de origem e de acolhimento: o caso dos residentes de Gana na Bélgica, p. 12, <http://www.uclouvain.be/cps/ucl/doc/demo/documents/Boon.pdf>
- 113 James Petras: Acompanhando os lucros e escapando às dívidas. Imigração Internacional e Acumulação Centrada no Império, 8.8.2006, <http://dissidentvoice.org/Aug06/Petras08.htm> (ênfase no original)
- 114 Philip Martin: Bordering on Control: Combate à migração irregular na América do Norte e na Europa (2003), International Organization for Migration, p. 6 e 15
- 115 Ver Hans Gmundner: Straches Handlangerdienste, KPÖ, 10.11.07, [http://www.kpoe.at/index.php?id=23&tx_ttnews\[tt_news\]=105&tx_ttnews\[backPid\]=2&cHash=7fe484e968](http://www.kpoe.at/index.php?id=23&tx_ttnews[tt_news]=105&tx_ttnews[backPid]=2&cHash=7fe484e968)
- 116 Ver Gudrun Biffel: Die Zuwanderung von Ausländern nach Österreich. Kosten-Nutzen-Überlegungen und Fragen der Sozialtransfers (1997), WIFO, p. 8
- 117 House of Lords (Grã-Bretanha): Relatório - Economic Impact of Migration in UK (2008), p. 22
- 118 Organização Internacional para as Migrações: Migração Mundial. Custos e benefícios da migração internacional (2005), IOM World Migration Report Series Volume 3, p. 170
- 119 Trade Union Congress (Grã-Bretanha): The Economics of Migration. Gerenciando os impactos (2007), pp. 11-12
- 120 Trade Union Congress (Grã-Bretanha): Economia da Migração. Gerenciando os impactos (2007), p. 18
- 121 Lant Pritchett: Deixe seu povo vir: Quebrando o impasse na mobilidade global da mão de obra, Center for Global Development, 2006, p. 4

122 Kerry Howley: Acabando com o Apartheid Global. O economista Lant Pritchett defende a imigração, a ideia menos popular - e mais comprovada - para ajudar os pobres do mundo. Reason, fevereiro de 2008, <http://reason.com/archives/2008/01/24/ending-global-apartheid/singlepage>. Nesta entrevista Pritchett explica abertamente a lógica do imperialismo liberal:

“A livre mobilidade da mão de obra é incompatível com o estado de bem-estar se todas as pessoas que estão fisicamente presentes em um local para realizar um serviço econômico entrarem automaticamente no mesmo conjunto de benefícios de bem-estar que um local. Esse não precisa ser o caso.

Isso é o que as democracias liberais acham difícil. Mas não é impossível. Você tem que enfrentar a injustiça do mundo e dizer que essa pessoa está melhor, mesmo sem os benefícios da previdência, e que esse processo é bom para o mundo.

Motivo: você cria uma divisão entre cidadãos de primeira e segunda classe. Isso não é preocupante?

Pritchett: O mundo agora está dividido em cidadãos de primeira classe do mundo e cidadãos de quinta classe do mundo. A ideia de que não ajudaríamos um camponês que tenta ganhar a vida em uma encosta de uma montanha no Nepal, deixando-o trabalhar nos Estados Unidos, só porque temos que, se ele vier para os Estados Unidos, dotá-lo de todos os direitos dos cidadãos americanos - acho que o cálculo moral é retrógrado.

Portanto, a primeira resposta é: Milton Friedman está errado. Não é incompatível com um estado de bem-estar; é incompatível com um estado de bem-estar que não diferencia as pessoas em seu território. Cingapura consegue manter um nível extremamente alto de benefícios para seus cidadãos com grande mobilidade. O Kuwait tem uma das maiores populações de imigrantes do mundo, e você não pode pedir um estado de bem-estar social mais completo do que o que o Kuwait oferece aos seus cidadãos. Portanto, é obviamente possível manter qualquer nível de bem-estar social que você deseja e ter qualquer nível de mobilidade de trabalho que você deseja, contanto que você esteja disposto a separar as questões.”

123 Eugen Antalovsky, Herbert Bartik, Alexander Wolffhardt em Zusammenarbeit mit Kenan Güngör: Gesamtfassung des ersten Wiener Diversitätsmonitors 2009, Erstellt im Auftrag der Stadt Wien, MA 17 Integration und Diversität, p. 105

124 Sari Pekkala Kerr e William R. Kerr: Impactos Economicos da imigração: Uma pesquisa (2011); Harvard Business School, Working Paper 09-013, p. 43

125 The Economist: Migration. Não cruzando continentes, 14.7.2010, <http://www.economist.com/blogs/newsbook/2010/07/migration&fsrc=nw1>

126 Banco Mundial: Global Economic Prospects 2006, Economic Implications of Remittances and Migration, p. 59

127 Banco Mundial: Perspectivas Econômicas Globais 2006, p. 26

128 Banco Mundial: Perspectivas Econômicas Globais 2006, pp. 44-45

129 Banco Mundial: Global Economic Prospects 2006, p. xii

130 Ernest Mandel: Capitalismo Tardio. London 1975, pp. 343-346. Uma crítica - basicamente errada - da tese de Mandel sobre a transferência de valor pode ser encontrada em Wolfgang Schoeller: Wertransfer und Unterentwicklung. Bemerkungen zu Aspekten der neueren Diskussion um Weltmarkt, Unterentwicklung und Akkumulation des Kapitals in unterentwickelten Ländern (anhand von E. Mandel, Der Spätkapitalismus), em: Probleme des Klassenkampfes (PROKLA) Nr. 6 (1973)

131 Samir Amin: O excedente no capitalismo monopolista e o aluguel imperialista, Volume 64 da revisão mensal, número 3 (julho-agosto de 2012), <http://monthlyreview.org/2012/07/01/the-surplus-in-monopoly-capitalism-and-the-imperialist-rent>

132 Marx lidou com as pré-condições específicas para o desenvolvimento do capitalismo nos Grundrisse, onde apontou vários fatores importantes na Europa Ocidental, como a produção relativamente descentralizada do produto excedente, economia de parcelas, um aparato de estado relativamente fraco em relação a um classe burguesa forte, relativa autonomia das cidades etc.

133 Karl Marx: Das Kapital, Band I; em: MEW 23, pp. 374-375; em inglês: Capital, Vol. I; Capítulo 14

134 Karl Marx: Das Kapital, Band I; em: MEW 23, p. 779; em inglês: Karl Marx: Capital, Vol. I; Capítulo 31

135 Ernest Mandel: Marxistische Wirtschaftstheorie (1962), Frankfurt a.M. 1968, pp. 552-553 (nossa tradução)

136 S.N. Beljajewa, E.M. Waschenzewa, I.I. Ermolowitsch, M.M. Koptew, E.I. Korezkaja, W.N. Kuwaldin, W.W. Mestscherjakow (Autorenkollektiv): Politische Ökonomie - Kapitalismus (1970), Berlim 1973, p. 137

137 Angus Maddison: The World Economy, Volume 1: A Millennial Perspective, Volume 2: Historical Statistics, Development Center Studies 2006, p. 48

138 Roman Rosdolsky: Zur Entstehungsgeschichte des Marxschen 'Kapitals'. Der Rohentwurf des Kapitals 1857-58, Band II, Frankfurt a. M. 1968, p. 327; em inglês: The Making of Marx's Capital (tradução nossa)